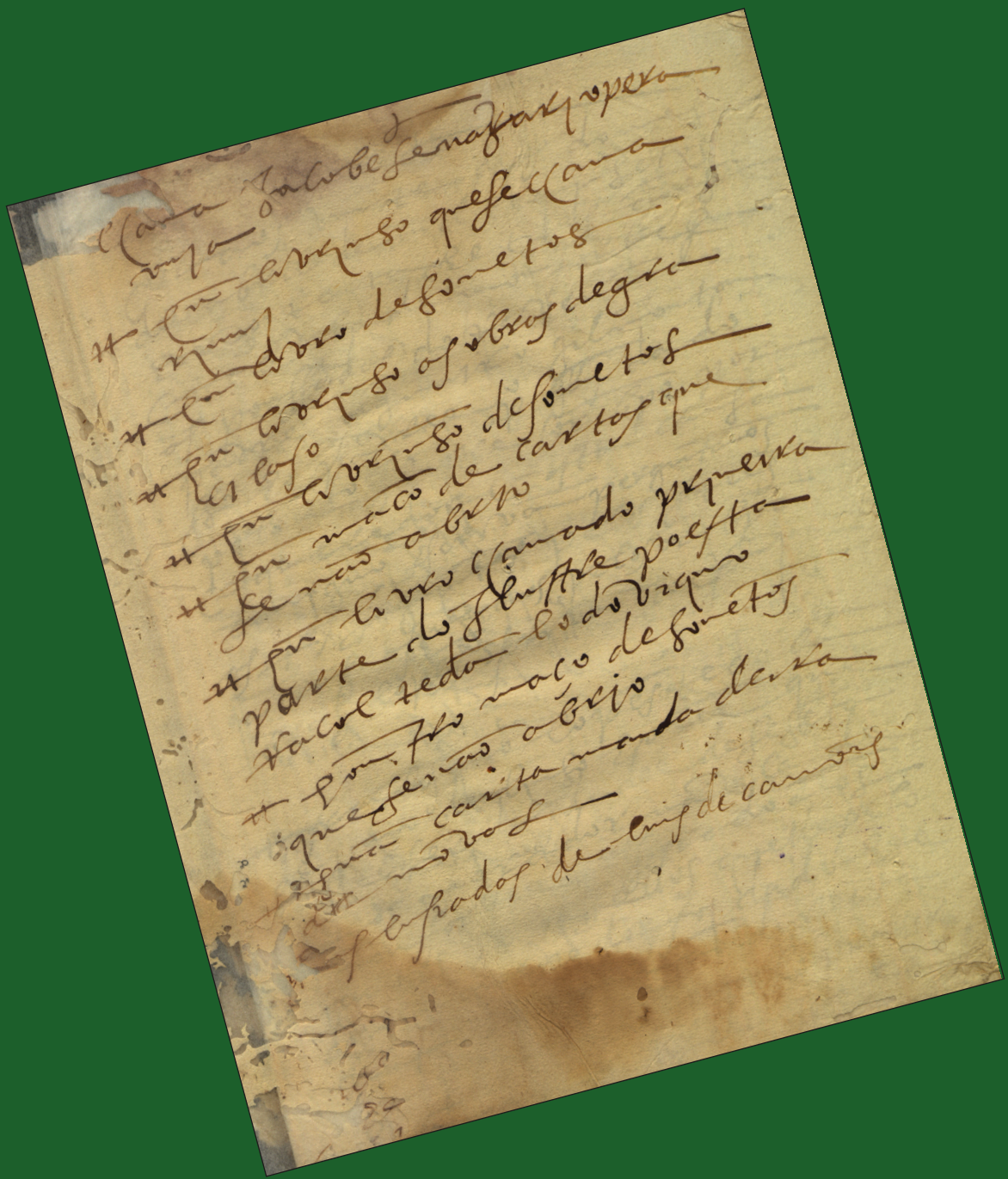
FRAGMENTA HISTORICA 12
Revista do Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa



FICHA TÉCNICA

Título

Fragmenta Historica – História, Paleografia e Diplomática – N.º 12 (2024)

ISSN

1647-6344

Editor

Centro de Estudos Históricos

Director

João José Alves Dias

Conselho Editorial

João Costa: Licenciado em História pela FCSH/NOVA. Mestre em História Medieval pela FCSH/NOVA. Doutor em História Medieval na FCSH/NOVA

José Jorge Gonçalves: Licenciado em História pela FCSH-NOVA. Mestre em História Moderna pela FCSH/NOVA. Doutor em História Moderna pela FCSH/NOVA

Pedro Pinto: Licenciado em História pela FCSH/NOVA

Conselho Científico

Fernando Augusto de Figueiredo (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

Gerhard Sailler (Diplomatische Akademie Wien)

Helga Maria Jüsten (CEH-NOVA)

Helmut Siepmann (U. Köln)

Iria Vicente Gonçalves (CEH-NOVA; IEM – FCSH/NOVA)

João Costa (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA)

João José Alves Dias (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

João Paulo Oliveira e Costa (CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

Jorge Pereira de Sampaio (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

José Jorge Gonçalves (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

Julián Martín Abad (Biblioteca Nacional de España)

Maria Ângela Godinho Vieira Rocha Beirante (CEH-NOVA)

Maria de Fátima Mendes Vieira Botão Salvador (CEH-NOVA; IEM – FCSH/NOVA)

Design Gráfico

Ana Paula Silva

Índices

Pedro Pinto

Imagem de capa

TT, Inquisição de Lisboa, Proc. 8191, imagem 39

FRAGMENTA HISTORICA 12
REVISTA DO CENTRO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

SUMÁRIO

Editorial, p. 9
João José Alves Dias

Imagem da capa: "Sesudo ou mentecapto": Álvaro Fragoso, cantor, tangedor, quiçá poeta e um leitor precoce d'*Os Lusíadas* no Monforte tardo-quinhentista, p. 11
Pedro Pinto

ESTUDOS

Portugal e França: novos ecos documentais de uma relação relevante no estudo da Europa Moderna (1560-1608), p. 17
Nuno Vila-Santa

MONUMENTA HISTORICA

Rui Pedro Neves, João Pedro Inácio Costa, Luís Miguel Rêpas, Miguel Augusto Luís, Mário Farelo, António Castro Henriques, Catarina Rosa, Fábio da Conceição Almeida Gonçalves, Thiago Henrique Alvarado, Joana Lages Gonçalves, Daniela Fernandes dos Santos, Fábio Duarte, Kate Lowe e Nuno Vila-Santa, Carlos Silva Moura, Hugo Marim Silva Paixão, Miguel Rodrigues Lourenço, Alexandre Nascimento, Joana Gomes Soares, Clara Braz dos Santos, Luís Seabra Lopes, Diogo Moreno
A ordem dos documentos desta secção encontra-se nas páginas seguintes (4 a 8)

ÍNDICE

Índice antroponímico e toponímico deste número, p. 289

LISBOA
2024

MONUMENTA HISTORICA – Ordenação da documentação

Trutesindo doa ao Mosteiro de São Pedro e Pedroso uma *hereditate* situada na *villa* de Paradela [c. 1172-1174?], p. 43

Registo de diversos imóveis situados em Guimarães que pertenciam ao Mosteiro de Pedroso [post. 1172], p. 45

Pedro Neto realiza uma permuta com Dona Goldregodu (1173), p. 47

Pedro Gonçalves e sua esposa vendem uma herdade a Gonçalo Pais, abade do Mosteiro de Pedroso (1173), p. 49

Pedro Viegas e o seu irmão vendem e Pedro Gonçalves um *hereditate* situada na *villa* de Espargo (1174), p. 51

Mendo Davides realiza uma doação *post mortem* ao Mosteiro de São Pedro de Pedroso (1175), p. 53

Marina Peres vende a Gonçalo Pais, abade do Mosteiro de Pedroso uma *hereditate situada em* Vila Cova (1175), p. 55

Os filhos de Gonçalo Infanção vendem a Pedro Gonçalves uma *hereditate* situada em Fiães e Gualtar (1176), p. 57

Pedro Gonçalves vende a Gonçalo Pais e Pedro Pais uma *hereditate* situada em Espargo de Baixo (1177), p. 59

Soeiro Godesteis renuncia em favor do Mosteiro de São João de Pendorada a todas as reivindicações anteriormente disputadas (1178), p. 61

Maria Pais vende a Pedro Gonçalves uma *hereditate* situada na *villa* de Gualtar (1180), p. 63

Mendo Mendes e a sua esposa doam à igreja de Santa Maria e ao Mosteiro de Pedroso uma *hereditate* situada na *villa* de Seixezelo, p. 65

Pedro Capelu e sua esposa fazem um acordo com D. Martinho, bispo do Porto e o cabido da mesma diocese (1187), p. 67

Madreona reealiza uma permuta com Pedro Martins, abade do Mosteiro de Pedroso (1188), p. 69

Pedreiro Salvador vende um casal situado em Paradela (1190), p. 71

Afonso Rodrigues vende a Henrique Fernandes uma *hereditate* situada em *villa Saa* (1193), p. 73

Gonçalo, abade do Mosteiro de Pedroso, concede a Pedro Miguel e sua esposa o usufruto de uma *hereditate* em *Veer* (1193), p. 75

O abade Pedro do Mosteiro de Pedroso estabelece um pacto com Afonso Dias e João Dias (1195), p. 77

O abade Pedro e o Mosteiro de Pedroso resolvem disputa com Álvaro João sobre a *hereditate* de *Louri,* que retornará ao mosteiro após a morte deste e sua esposa (1195), p. 79

O abade Melendo, de São João de Pendorada, vende ao Mosteiro de Pedroso um casal em Mexedo (1195), p. 81

Pedro Viegas e sua família vendem a Loba Godinis uma *hereditate* na *villa* de Lavandeira (1195), p. 83

Gonçalo Pires vende ao Mosteiro de Pedroso uma *hereditate* situada na *villa* de Gondinhães (1196), p. 85

Mendo Pais, Pedro Anes e Ausenda Peres vendem ao Mosteiro de São Pedro de Pedroso um terço de uma propriedade em Afonsim (1196), p. 87

Soeiro Peres, Mendo Peres e Maria Peres vendem ao abade Pedro e ao Mosteiro Pedroso uma *hereditate* na *villa* de Vila Cova (1197), p. 89

Martim Dias e Rodrigo Dias vendem a seu tio, Pedro Pais de Valadares, uma *hereditate* nas *villae* de Valadares e Moure (1197), p. 91

Registo de diversos imóveis que pertenciam ao Mosteiro de Pedroso (1197-1226), p. 93

O abade Pedro de Pedroso concede dois casais a Mendo Dias como prestimónio com uma renda anual, mas sem direito hereditário, estipulando sua devolução ao mosteiro após a morte de Mendo (1198), p. 95

Gonçalo Pires, conhecido como Brandão, vende ao abade de São Pedro de Pedroso uma *hereditate* em Sanguinhedo por dezasseis morabitinos (1198), p. 97

Soeiro Pais e sua esposa, Maria Gonçalves, vendem ao abade Pedro do Mosteiro de Pedroso uma *hereditate* na *villa* de Figueiredo (1198), p. 99

Urraca Viegas doa ao Mosteiro de São Pedro de Pedroso um casal situado na *villa* de Pindelo (1199), p. 101

O abade Pedro do Mosteiro de Pedroso concede a Estêvão Gonçalves um casal na *villa* de *Palácio de Zaganes* (1199), p. 103

Pedro Dias e sua esposa doam dois casais situados em Vilar Seco ao Mosteiro de São Pedro de Pedroso (1200), p. 105

Venda de uma herdade em Albarrol, termo de Miranda (1240), p. 107

Carta de venda de uma herdade em Chão de Couce por 27 libras (1273), p. 109

Carta de arrendamento de uma vinha, uma adega e duas casas em Penela e seu termo (1273), p. 111

Contrato de carpintaria do paço de Almoster (1305), p. 113

Carta de proteção de D. Dinis ao Mosteiro de Almoster (1310), p. 115

Traslado em pública-forma de uma carta da rainha D. Isabel de 1313 que manda que os viajantes entre a Beira e Abrantes ou Punhete abandonem a estrada costumada e passem por dentro da aldeia do Sardoal (1315), p. 117

Testamento de Lourenço Nogueira (1318), p. 119

Último testamento de Lourenço Peres (I), Uchão do infante D. Afonso (1321), p. 123

Testamento de Lourenço Peres (II), tesoureiro do rei (A. 1325), p. 127

Codicilo ao testamento de Lourenço Peres (II), tesoureiro do rei (1325), p. 131

Testamento de Lourenço Peres [II] (A. 1326), p. 133

Testamento de Constança Eanes Palhavã (1327), p. 137

Testamento de D. Francisco Domingues, cónego de Lisboa e prior da Alcáçova de Santarém (1328), p. 141

Instrumento de que consta a tomada do conto dos herdeiros dos feitores do Lamegal (1359), p. 149

Testamento de Mestre João das Leis (1383), p. 153

Certidão passada pelos contos do pagamento de metade da décima devida pelo cabido de Coimbra que fora feito por Antão Martins, prior de Penacova (1420), p. 161

Acordo entre o concelho do Sardoal e Vicente Bastino para que se faça uma estalagem naquele lugar (1422), p. 163

Emprazamento de casas do Mosteiro de São Vicente de Fora junto com o adro da igreja de Santa Justa a Beatriz Nunes de Beja, servidora que foi do Mestre de Santiago (1422), p. 165

Carta de profissão de Antão Rodrigues, cónego de Santa Cruz de Coimbra, no Mosteiro de São Vicente de Fora (1423), p. 169

Confirmação da eleição de D. Lourenço Eanes como prior-mor do Mosteiro de São Vicente de Fora pelo lugar-tenente de D. Pedro, arcebispo de Lisboa (1424), p. 173

Traslado em pública forma de uma carta de D. Fernando I relativa à jurisdição cível e crime de Vila do Conde, Póvoa de Varzim, Azurara e Pindelo (1480), p. 175

Traslado de sentença relativamente à disputa da jurisdição sobre Cantanhede e a terra de Melres entre D. Telo de Meneses e D. Pedro de Meneses (1481), p. 177

Carta que o prior do Prado de Castela escreveu a El-Rei D. João sobre uma baixela de prata que lhe mandou (1483), p. 183

Carta de D. Manuel I de Portugal a Fernando II, o Católico, a pedir que deem saca aos lavradores portugueses que foram lavrar pão a Castela (1510), p. 187

Conta do que se deu ao rei D. Manuel I do que rendiam as alfândegas dos portos de Trás-os-Montes em 1515-1517 (1518), p. 189

Carta de D. Agostinho de Ribeiro, bispo de Lamego, a D. João III sobre o envio do traslado de um breve e o estado da Inquisição de Lamego (1543), p. 191

A brief story of ye kings of Portugal (Breve história dos reis de Portugal) [1569-1573], p. 195

Regimento do rei D. Sebastião para se realizar a venda do direito real dos "10 reais de Ceuta" aos povos das comarcas de Entre Douro e Minho e de Trás-os-Montes (1572), p. 203

Carta de D. Sebastião para o Papa Gregório XIII (1574), p. 215

Carta de perdão dada a Simão de Camões, morador em Évora (1592), p. 217

Relação anual de eventos na Ásia (1606), p. 219

Breve relação de várias novas do Estado da Índia e de Vijayanagar do ano de 1616 (1616), p. 225

Notícia sobre as catástrofes naturais ocorridas na província do Norte (1619), p. 233

Piratas na costa de Loulé (1620), p. 235

Relação da receita do Reino de Portugal e do Império por Fernando Loureiro (1621), p. 237

Relatório da Junta criada para tratar do benefício das terras sobre a agricultura em Portugal (1624), p. 245

Lembrança das cartas dos prelados da Junta de Tomar para o monarca (1629), p. 2531

Informação de Pero de Almeida Cabral ao rei D. Filipe III sobre o reino de Monomotapa e rios de Cuama (1630), p. 253

Carta de Manuel da Cunha e Teive ao rei D. Filipe III sobre a fortaleza da Mina e de Axem (1632), p. 259

Carta do Bispo de Meliapor a Frei Pedro de São José, provincial da Ordem de Santo Agostinho (1697), p. 263

Oração fúnebre nas exéquias do ilustríssimo e excelentíssimo senhor conde de Bobadela (1763), p. 267

Ata de reunião da vereação da cidade de Aveiro (19.1.1763), p. 273

Ata de reunião da vereação da cidade de Aveiro (29.1.1763), p. 275

Declaração do escrivão do senado da câmara de Vouga sobre os rendimentos da barca de passagem dessa vila nos anos de 1762 a 1776 (1781), p. 277

Aviso régio mandando realizar obras na ponte de Vouga (1791), p. 281

Carta em que a vereação de Vouga informa o Duque de Lafões sobre uma nova arrematação da barca de passagem dessa vila (1791), p. 283

D. João manda regressar ao Pinhal de Leiria todas as pessoas que se refugiaram na capital por motivo das invasões francesas (1811), p. 285

Disposições para o novo Regulamento das Matas Nacionais (1824), p. 287

PORTUGAL E FRANÇA: NOVOS ECOS DOCUMENTAIS DE UMA RELAÇÃO RELEVANTE NO ESTUDO DA EUROPA MODERNA (1560-1608)

Nuno Vila-Santa*
Departamento de Filologia Española, Universitat Autònoma de Barcelona
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5637-0364

Resumo

Este artigo pretende divulgar alguns documentos de arquivos franceses relativos às relações luso-francesas na segunda metade do século XVI, procurando contextualizá-los historicamente. A maioria dos documentos tem uma origem diplomática (troca de embaixadas e enviados), aflorando as correspondências trocadas entre as famílias reais portuguesa e francesa. É ainda feita menção ao importante conjunto de documentos autógrafos do século XVI detidos pelo erudito francês Theódore de Godefroy (1580-1649). A publicação e estudo destes documentos evidencia a intensidade e importância das relações quer para França, quer para Portugal, e demonstra como é fundamental prosseguir trabalhos sobre as relações luso-francesas no século XVI.

Palavras-chave

Portugal, França, Diplomacia, Aliança, Catarina de Médicis

Abstract

This paper aims to publish some documents from French archives relating to French-Portuguese relations in the second half of the 16th century, while contextualising them historically. Most of the documents are of a diplomatic nature (exchanges between embassies and envoys), focusing on the correspondence between the Portuguese and French royal families. It also includes a brief reflection on the important set of autograph documents from the 16th century held by the French scholar Theódore de Godefroy (1580-1649). The publication and study of these documents shows the frequency and importance of relations for both France and Portugal, and highlights the need to pursue more research on the French-Portuguese relations during the 16th century.

Keywords

Portugal, France, Diplomacy, Alliance, Catherine de Médici

© *Fragmenta Historica* 12 (2024), (17-39). Reservados todos os direitos. ISSN 1647-6344

* O autor agradece ao Institut Français de Portugal pela concessão de uma bolsa, em Outubro de 2023, para realizar pesquisa documental nos Arquivos de Paris sobre as relações diplomáticas luso-francesas no século XVI. Uma palavra de gratidão é também devida às Professoras Doutoras Ilda Mendes dos Santos e Dejanirah Couto por nos terem acolhido na referida ocasião no CREPAL e apoiado esta investigação desde o início. Da pesquisa nos arquivos franceses resultou a publicação deste artigo e de um outro: VILA-SANTA, Nuno, "A brevíssima história de Portugal de 1577: contexto e hipóteses de autoria de um manuscrito da biblioteca do Institut de France", *Revista de fontes*, v. 12, n. 22, 2025, pp. 81-124.

INTRODUÇÃO

As relações entre Portugal e a França na segunda metade do século XVI foram já alvo de importantes trabalhos, onde se publicaram diversos documentos.[1] Vários foram os trabalhos que se dedicaram aos embaixadores franceses em Portugal entre 1557 e 1561, Michel de Seure (1539-1593) e ao seu sucessor Jean Nicot (1520-1525?-1604).[2] Como na sequência da embaixada de Jean Nicot, a França deixou de ter um representante permanente em Portugal para só o recuperar em 1579, não é possível estudar estas relações sem recorrer à correspondência dos embaixadores franceses na corte de Filipe II (r. 1556-1598).[3] Apesar deste facto, não existe nem em França, nem em Portugal, um trabalho semelhante ao realizado para a primeira metade de Quinhentos que procure avaliar globalmente as relações luso-francesas.[4] Para os reinados de D. Sebastião (r. 1557-1578) e do cardeal-rei D. Henrique (1578-1580) é necessário recorrer a vários trabalhos. Para o período das regências na menoridade de D. Sebastião entre 1557 e 1568, os contributos foram trazidos por estudos clássicos,[5] e mais recentes sobre João Pereira Dantas (?-1570), embaixador português em França entre 1557 e 1568.[6] Para o período subsequente, a despeito de trabalhos mais antigos, em particular sobre a embaixada de João Gomes da Silva entre 1571 e 1572,[7] a melhor síntese encontra-se num estudo recente sobre diplomacia durante o período de governo efectivo de D. Sebastião entre 1568 e 1578.[8] Para o período da crise dinástica não existe uma análise sistemática que aborde as relações luso-francesas neste período, sendo necessário recorrer a vários estudos.[9] Tal decorre do facto de não se

[1] MATOS, Luís de, *Les Portugais en France aux XVIe siécle. Études et documents*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1952a; SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *Documentos inéditos para a história do reinado de D. Sebastião*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1958a; SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *Os Juristas em França e a crise dinástica portuguesa*, Lisboa, Francisco Franco, 1958b; SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *Michel de Seure, embaixador francês em Portugal (1557-1559),* Paris, separata Arquivos do Centro Cultural Português, 1969; SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *O Reinado de D. António, Prior do Crato (1580-1582)*, Santarém, Centro de Investigação Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, 2021.

[2] FALGAIROLLE, Edmond, "Le chevalier de Seure. Ambassadeur de France en Portugal au XVIe siècle" in *Memoires de l´Academie de Nimes*, XVIII, 1895, pp. 49-85; FALGAIROLLE, Edmond, *Jean Nicot. Ambassadeur de France en Portugal au XVIe siécle. Sa correspondence diplomatique inédite avec un fac-simile en phototypie*, Paris, Augustin Challamel, 1897; MATOS, Luís de, "Un diplomate humaniste: Jean Nicot, ambassadeur de France au Portugal", *Littératures*, 1, 1952b, pp. 21-42; SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *Documentos inéditos para a história do reinado de D. Sebastião*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1958a; SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *Michel de Seure, embaixador francês em Portugal (1557-1559),* Paris, separata Arquivos do Centro Cultural Português, 1969; VILA-SANTA, Nuno, "Diplomacy and Humanism: ambassador Jean Nicot and the French-Portuguese maritime rivalry (1559-1561)", *Anuario de Estudios Americanos*, 80-1, 2023a, pp. 43-77.

[3] RIBERA, Jean-Michel, *Diplomatie et espionage. Les ambassadeurs du roi de France auprès de Philipe II. Du traite du Cateau-Cambrésis (1559) à la mort de Henri III (1589)*, Paris, Classiques Garnier, 2018.

[4] FERREIRA, Ana Maria Pereira, *Problemas marítimos entre Portugal e a França na primeira metade do século XVI*, Redondo, Patrimonia, 1995.

[5] CRUZ, Maria do Rosário Sampaio Themudo Barata de Azevedo, *As regências na menoridade de D. Sebastião. Elementos para uma história estrutural*, 2 vols, Lisboa, INCM, 1992.

[6] VILA-SANTA, Nuno, "Reporting for a King: Valois France and Europe through the eyes of ambassador Dantas (1557-1568)", *Culture & History Digital Journal*, 12-1, 2023b, pp. 1-15; VILA-SANTA, Nuno, "Fighting for Mare Clausum and Secret Science: Spain, France and England in the strategies of ambassador Dantas (1557-1568)", *Vegueta*, 23-2, 2023c, pp. 1115-1151.

[7] SANTARÉM, Visconde de**,** *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo, desde o principio da monarchia portugueza ate aos nossos dias***,** vol. III, Paris**,** Oficina Typografica de Fain e Thunot, 1842**;** PRESTAGE, Edgar, *Novas informações sobre a embaixada de João Gomes da Silva a França*, Porto, Typ. da Empreza Literaria e Typographica, 1917; BOURDON, León, *L'ambassade de João Gomes da Silva en France et la rupture des pourpaliers de mariage entre Dom Sebastião et Marguerite de Valois*, Lisboa, separata do Institut Français de Portugal, 1957.

[8] AMORIM, Pedro, *A política externa de D. Sebastião. Portugal na Cristandade às vésperas de Alcácer-Quibir*, dissertação de mestrado policopiada, Lisboa, Universidade de Lisboa, 2019.

[9] SANTARÉM, Visconde de**,** *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo, desde o principio da monarchia portugueza ate aos nossos dias***,** vol. III, Paris**,** Oficina Typografica de Fain e Thunot, 1842; SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *O Reinado de D. António, Prior do Crato (1580-1582)*, Santarém, Centro de Investigação Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, 2021; VEIGA, Carlos Margaça, *Poderes e poderes na crise sucessória portuguesa (1578-1581)*, dissertação de doutoramento policopiada, 2 vols., Universidade de Lisboa, 1999; RIBERA, Jean-Michel, *Diplomatie et espionage. Les ambassadeurs du roi de France auprès de Philipe II. Du traite du Cateau-Cambrésis (1559) à la mort de Henri III (1589)*, Paris, Classiques Garnier, 2018.

encontrar estudada a embaixada de Francisco Giraldes em França (embaixador de D. Sebastião e do cardeal-rei), assim como de não ter sobrevivido boa parte da correspondência dos enviados de Henrique III (r. 1574-1589) e de Catarina de Médicis (1519-1589) a Portugal em 1579-80.[10] Perdida a independência, considerando a dimensão internacional da resistência antoniana, e salvo excepções,[11] escasseia um trabalho que aprofunde em detalhe a vida de D. António, Prior do Crato (1535-1595), em França até ao seu falecimento. O mesmo se aplica ao percurso dos seus descendentes entre França, Inglaterra e a República Neerlandesa durante o século XVII.

Além das relações diplomáticas oficiais, existiam também as trocas epistolares entre as Casas Reais francesa e portuguesa. Por vezes, tais relações epistolares surgem mencionadas nas biografias de D. Catarina de Áustria (1507-1578), de D. Sebastião e do cardeal D. Henrique (1512-1580),[12] mas não existe uma ideia exacta da intensidade de tais ligações. É precisamente neste ponto que este artigo pretende contribuir, publicando documentos de arquivos franceses que até agora escaparam aos estudiosos deste período e que se afiguram importantes para o estudo das relações luso-francesas. Para o efeito, além de se publicarem estes documentos em anexo documental, proceder-se-á a uma breve explicação dos locais onde os mesmos foram localizados e à explicitação da sua relevância e contextualização histórica. Importa, contudo, realçar que o que se apresentará de seguida é claramente apenas uma parte do que sobreviveu das relações epistolares entre a família real portuguesa e francesa, visto nos arquivos portugueses e franceses ser evidente que muita documentação se perdeu ao longo dos tempos. Este cenário é justificado do lado português pelas lacunas documentais conhecidas no Arquivo Nacional Torre do Tombo relativas a documentação diplomática do século XVI que não diga respeito à esfera dos Habsburgo (sobretudo relativa às relações de Portugal com França e Inglaterra). Já do lado francês, o cenário de guerras civis em França desde a década de 1560,[13] a consequente desorganização administrativa do estado francês, quando aliados ao facto de que para França, Portugal não era a primeira prioridade da sua política externa, ajudam a explicar a falta de documentação.

Ainda assim, não será de excluir que futuras investigações ainda possam vir a localizar novos documentos, não apenas em arquivos portugueses ou franceses, mas também noutros onde se sabe que, por exemplo, documentos franceses do século XVI se encontram. Neste ponto, o caso da Biblioteca Nacional da Rússia onde se conservam variados documentos do período dos Valois e dos Bourbon, poderá não ser único. Alguns destes documentos, ainda que não publicados, incluem as reacções formais de Portugal a diferentes momentos das guerras civis francesas da década de 1560.[14]

1. AS RELAÇÕES LUSO-FRANCESAS EM 1560-61 E A CORRESPONDENTE TROCA EPISTOLAR

Em diversos fundos da Bibliothéque Nationale de France (BnF) foram localizadas várias missivas de membros da família real portuguesa para a francesa. Todos os documentos são de 1560-61, e poderão ter sido do conhecimento dos historia-

[10] Sobre Urbain de Saint Gelais, bispo de Cominges, embaixador de Catarina de Médicis veja-se instrução e algumas cartas (BnF, Français 17870, fls. 132v.-136; Portugais 66, doc. 9) e ainda o trabalho de BRUNET, Serge, "L'évêque ligueur Urbain de Saint-Gelais (1570-1613). Du Comminges à Toulouse,ou la voie espagnole" in *L'Édit de Nantes: paix des armes, paix des âmes,* edição de Paul Mironneau e Isabelle Pébay-Clottes, Paris, Imprimerie Nationale, 2000, pp. 151-176. Já de monsieur de Beauvais, embaixador de Henrique III, não se encontrou qualquer missiva.

[11] Além do trabalho de SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *O Reinado…* que termina em 1582, destaquem-se MARQUES, Guida. "La dimension atlantique de l´opposition antonienee et l´enjeu brésilien (1580-1640)". *Anais de História de Além-Mar*, IV, pp. 213-246, 2003; VAZ, João Pedro, *Campanhas do Prior do Crato (1580-1589): Entre Reis e Corsários pelo Trono de Portugal*, Lisboa, Tribuna, 2005; CORAL, Carlos Jokubauskas, *O último Avis: D. Antônio, o antonismo e a crise dinástica portuguesa (1540-1640)*, dissertação de mestrado apresentada à Universidade de São Paulo, 2010.

[12] BUESCU, Ana Isabel, *Catarina de Áustria (1507-1578). Infanta de Tordesilhas. Rainha de Portugal*, Póvoa de Santo Adrião, A Esfera dos Livros. 2007; JORDAN GSCHWEND, Annemarie, *Catarina de Áustria: a rainha colecionadora*, Lisboa, Temas e Debates, 2017; CRUZ, Maria Augusta Lima, *D. Sebastião*. Mem Martins: Círculo de Leitores, 2006; POLÓNIA, Amélia, *D. Henrique: o cardeal-rei,* Mem Martins, Círculo de Leitores, 2005.

[13] KNECHT, Robert, *The French Civil Wars 1562-1598*, Nova Iorque, Routledge, 2013.

[14] CHICHKINE, Vladimir, "Mirage d'une alliance. Les relations franco-portugaises dans les collections manuscrites de Saint-Pétersbourg (1557-1572)", *Histoire, Economie et Société*, 1, 2021, pp. 44-51.

dores Luís de Matos (1911-1995) e Joaquim Veríssimo Serrão (1925-2020). Dificilmente ambos não se terão cruzado com estes nas suas pesquisas, mas em nenhuma das obras destes autores foram publicados por razões que desconhecemos. Por esta razão, optou-se pela sua transcrição. Trata-se de um total de 15 documentos (docs. 1 a 15), os quais podem ser classificados como respostas formais da corte portuguesa à corte francesa a propósito da troca de embaixadores e enviados. Esta é motivada essencialmente pela necessidade de confirmar a aliança entre Portugal e a França a propósito dos novos reinados de Francisco II (r. 1559-1560), em 1559, e de Carlos IX (r. 1560-1574), em 1560. O conteúdo destas cartas está ainda ligado à embaixada de Jean Nicot em Portugal, entre Setembro de 1559 e Outubro de 1561.[15] Desde logo a primeira carta que se publica, a missiva da rainha D. Catarina de Áustria à monarca Catarina de Médicis, com data de 31 de Março de 1560, é particularmente relevante. Certamente terá sido acompanhada por outras cartas do cardeal D. Henrique, de D. Sebastião e da infanta D. Maria (1521-1577), as quais não sobreviveram. De facto, era costume na família real portuguesa que quando um membro desta escrevia para o exterior, os restantes também o fizessem, como se evidencia na troca epistolar nos docs. 2 a 15. A resposta da rainha portuguesa não pode ser desligada do facto de em Portugal se conhecer bem o papel fundamental de Catarina de Médicis nos assuntos governamentais franceses no início do reinado do seu filho Francisco II.[16] Por essa ocasião foram redigidos na corte francesa, em Setembro de 1559, e posteriormente remetidos ao embaixador Jean Nicot, vários documentos procurando confirmar a aliança e *status quo* das relações luso-francesas.[17]

Entre estas cartas encontra-se uma missiva da rainha Catarina de Médicis a D. Catarina de Áustria.[18] Na referida missiva em francês, a rainha-mãe de França dirigia-se à então regente de Portugal na menoridade de D. Sebastião, invocando a sua admiração e proximidade. Expressava em seguida que devido ao estatuto de ambas como "mães de reis" ambas deviam providenciar à outra aconselhamento político. Referia-se Catarina de Médicis ao paralelismo de ambas serem então rainhas viúvas e de terem sido chamadas pela roda da fortuna a assumir funções governativas nos respectivos reinos. A forma como a carta foi redigida por Médicis sugere que uma troca epistolar entre ambas se deveria realizar anteriormente. No entanto, não se conhecem outras evidências documentais de tal. Tal não obsta à elevada probabilidade de que ambas as soberanas trocassem correspondência, pelo menos, desde o reinado de Henrique II (r. 1547-1559), senão mesmo desde o casamento de Médicis com este em 1533. Tal hipótese pode ser levantada considerando que D. Catarina de Áustria trocava correspondência assídua com a corte espanhola, inglesa e austríaca, nalguns casos até redigindo as missivas do seu próprio punho. A análise de vários desses casos, deixa evidente que a monarca portuguesa tinha iniciativa epistolar e diplomática própria, por vezes até autónoma e distinta da do seu marido, o rei D. João III (r. 1521-1557).[19]

É neste quadro que o doc. 1 é de particular relevância. Não se conhecendo a resposta formal de D. Catarina de Áustria a Catarina de Médicis à missiva acima mencionada, a carta que a regente de Portugal dirigiu à monarca gaulesa a 31 de Março de 1560 revela a equivalência do relacionamento entre ambas. A resposta da regente lusa deixa a suspeita que D. Catarina teria, pelo menos, considerado o repto da sua interlocutora relativamente ao aconselhamento político. Se juntarmos tal às variadas referências que o embaixador Jean Nicot fez na sua correspondência ao prestígio de Catarina de Médicis em Portugal (do qual ele próprio declarou que se apropriou várias vezes) e que justificou vários dos contactos de nobres de elevado escalão na corte lusa que lhe pediam que escrevesse para França o

[15] VILA-SANTA, Nuno, "Diplomacy…", pp. 43-77.

[16] CLOULAS, Ivan, *Catherine de Medicis*, Paris, Fayard, 1979, pp. 125-152.

[17] FALGAIROLLE, Edmond, *Jean Nicot…*, pp. 85-90.

[18] FALGAIROLLE, Edmond, *Jean Nicot…*, p. 90.

[19] O caso mais exemplificativo é o das missivas que dirigiu a Filipe II e a D. Joana de Áustria (1535-1573), irmã deste, conservadas em sucessivos legajos da secretaria de Estado Portugal no Archivo General de Simancas. Porém, recentemente, em trabalho que publicaremos em inglês, documentaremos exactamente o mesmo para as missivas da rainha portuguesa com Fernando (v. 1503-1564), rei da Áustria e Imperador do Sacro-Império desde 1556 até 1564, e ainda com o Imperador Maximiliano II (r. 1564-1576), antes e depois de este ter cingido a Coroa Imperial, a partir de correspondência conservada em Viena de Áustria.

ardente desejo em torno do possível casamento de D. Sebastião com a Princesa Margarida de Valois (1553-1615), filha de Catarina de Médicis e de Henrique II,[20] compreende-se melhor a importância das palavras então redigidas por D. Catarina.

Tal proximidade é ainda evidente nos docs. 6 e 12, quando D. Catarina na qualidade de rainha viúva e de regente de Portugal se dirigiu à sua congénere francesa para lamentar o falecimento do seu filho, o rei Francisco II, em Janeiro de 1561 (doc. 6) e quando respondeu formalmente à carta que a monarca francesa lhe enviou a propósito da vinda de monsieur de Saint Sulpice a Portugal, em Maio de 1561 (doc. 12). Na primeira missiva, D. Catarina revelou o seu sentimento pelo falecimento de Francisco II de forma bastante protocolar,[21] remetendo para as palavras que D. Tomás de Noronha, o enviado luso a França, proferiria em seu nome. Contudo, é sabido que na ocasião, o embaixador João Pereira Dantas dirigiu uma carta em francês a Catarina de Médicis bem menos protocolar, procurando consolar a monarca francesa pela morte do seu filho e até prometendo todo o seu apoio emocional.[22] Tal carta não é apenas prova da relação pessoal e próxima do embaixador com a rainha francesa: ela é uma consequência directa das ordens que D. João III e D. Catarina lhe deram em 1557 de captar importantes apoios na corte Valois.[23] Entre essas ordens certamente não terá faltado a de se aproximar e ganhar a confiança da esposa de Henrique II que, no contexto das guerras entre Valois e Habsburgo em 1556-57, já deixara bem evidente as suas capacidades políticas de liderança de França.

No segundo caso, importa lembrar que Saint Sulpice retornava pela segunda vez a Portugal (uma vez que viera a Lisboa em 1560) e que na sequência das suas missões nas cortes lusa e espanhola foi nomeado para embaixador em Espanha entre 1562 e 1565.[24] Em 1561, a missão de Saint Sulpice prendia-se com a espinhosa questão da reclamação francesa pela conquista portuguesa do Fort Coligny no Brasil. D. Catarina tratou-o com grande cortesia e até aceitou ouvir o seu conselho em matéria política não mencionada, mas não aceitou pagar a indemnização exigida pela corte dos Valois.[25] Neste sentido, a missiva dirigida a Médicis demonstra como invocando o amor entre ambas, a regente de Portugal pretendia ultrapassar as dificuldades causadas pelo impacto em França da notícia da perda do Fort Coligny. Apesar de todas as tensões que se registaram a este respeito, inclusivamente com acusações de que D. Catarina dera ordem secreta para expulsar os franceses do Fort Coligny, o que forçou o embaixador João Pereira Dantas a ter de se justificar pessoalmente numa reunião do *Conseil Privé*, a que assistiu excepcionalmente Catarina de Médicis, existem evidências que a relação entre as duas rainhas se manteve bastante próxima.

Quando em 1564, a monarca francesa teve uma queda de cavalo e circulou o rumor que falecera, D. Catarina apressou-se a escrever ao embaixador Dantas que devia visitar Médicis e significar-lhe a sua satisfação pelas novas da sua recuperação. Na missiva, Dantas esclarecia a felicidade da rainha-mãe de França perante o gesto da monarca portuguesa. Dava ainda conta da encomenda da rainha D. Catarina de uma carruagem em França.[26] Apesar de o embaixador não mais referir o assunto, é provável que tenha aproveitado a sua relação próxima com Catarina de Médicis, para dar seguimento à encomenda artística em França da monarca portuguesa.

Em suma, esta troca de correspondência entre as rainhas de França e de Portugal, quando conjugadas com a correspondência do embaixador Dantas, sugerem que a relação epistolar entre ambas, terá continuado, ainda que não se conheçam mais evidências documentais. A base

[20] VILA-SANTA, Nuno, "Diplomacy…", p. 61.

[21] De novo a comparação com as cartas de D. Catarina dirigidas às cortes espanhola e austríaca, por exemplo, pela morte do Imperador Carlos V em 1558 ou do Imperador Fernando I em 1564, é elucidativa. Nos três casos denota-se que existia na escrita das missivas da monarca um rígido protocolo que era seguido na redacção das cartas. Naturalmente que esta consideração pode e deve ser alargada à redacção de missivas pelos restantes membros da família real portuguesa de então (cardeal D. Henrique, D. Sebastião, infanta D. Maria, senhor D. Duarte e D. António, Prior do Crato) como, aliás, ficará patente adiante neste trabalho.

[22] BnF, Français 15871, fl. 58.

[23] VILA-SANTA, Nuno, "Reporting…", p. 12.

[24] CABIÉ, Edmond, *Ambassade en Espagne de Jean Ébrard: seigneur de Saint-Sulpice de 1562 a 1565 et mission de ce Diplomate Dans Le Même Pays En 1566*, Albi, Imprimerie Nouguiès, 1903.

[25] VILA-SANTA, Nuno, "Diplomacy…", p. 64.

[26] Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), *Corpo Cronológico* I-106-137.

desta relação não assentaria meramente na necessidade dinástica e conveniências políticas. Possivelmente esteve em jogo a semelhança de histórias de vida entre ambas: duas rainhas com problemáticas infâncias (Médicis e os seus anos iniciais em Florença e Áustria com os anos do seu "cativeiro" em Tordesilhas); duas monarcas que tinham sofrido pessoalmente na adaptação às respectivas cortes de acolhimento por serem vistas como "estrangeiras" (Médicis vista como "a florentina" e Áustria como "a castelhana"); duas rainhas-mães, como Médicis notou a Áustria na missiva já referenciada; e sobretudo duas monarcas cujos traços de devoção religiosa na viuvez eram absolutamente semelhantes e alvos de comentário e elogio à sua época nas respectivas cortes e na Europa. Estes paralelismos deveriam ser do conhecimento de ambas as rainhas e poderão justificar a proximidade pessoal patente nestas missivas.

A proximidade do cardeal D. Henrique e da infanta D. Maria à família real francesa surge também evidente noutros documentos trocados nas mesmas ocasiões. Assim, o cardeal revelou também a Catarina de Médicis e a Carlos IX o seu particular sentimento pelo falecimento de Francisco II (docs. 2 e 3) e no desfecho da embaixada de Saint-Sulpice (docs. 11 e 14) reafirmou a ambos o seu compromisso com a aliança luso-francesa. No último caso, tratou-se evidentemente de uma manobra combinada com a regente lusa de forma a não agravar as relações luso-francesas, de novo em paralelo com o que está documentado que sucedeu tantas vezes nas relações com as cortes espanhola e austríaca.[27] Apesar de D. Catarina de Áustria ser então a regente na menoridade de D. Sebastião, era bem sabido em França, por via das informações remetidas pelo embaixador Jean Nicot, que o cardeal D. Henrique detinha importante capital político e se perfilava como hipotético novo regente caso D. Catarina abandonasse o poder devido às múltiplas controvérsias da sua regência, em particular a partir de 1559-60. Neste sentido, as cartas do cardeal D. Henrique procuravam apresentar uma imagem de unidade da família real portuguesa, mas simultaneamente relembrar a Catarina de Médicis e a Carlos IX que este era um protagonista com peso próprio. Porém, também na forma como escreveu estas missivas, o cardeal D. Henrique evidencia admiração pela sua interlocutora francesa.

De novo não se conhecem mais missivas que com Médicis terá trocado, mas é sabido que já durante o seu breve reinado, D. Henrique ponderou, caso obtivesse dispensa papal, casar-se com a rainha-viúva de França devido também ao apoio popular a tal ideia. Tal é revelado numa cifra remetida para Roma em Junho de 1579 de Roberto Fontana, o colector apostólico em Portugal entre 1577 e 1579.[28] Fontana não é claro se a ideia seria casar com Isabel de Áustria (1554-1592), então viúva de Carlos IX e por isso mencionada como rainha-viúva de França à data e ainda anterior pretendente ao enlace com D. Sebastião, ou com Catarina de Médicis.[29] No entanto, pela forma como refere assuntos luso-franceses nas suas missivas, parece-nos que o colector se referia à mãe de Henrique III. A confirmar-se tal hipótese, esta evidenciaria bem a admiração do cardeal-rei pela vida exemplar de viúva que Catarina de Médicis observou rigorosamente desde o falecimento de Henrique II, critério que para o então homem de Igreja tornado rei, não seria de forma alguma despiciendo. A tal juntava-se a óbvia vantagem política para o cardeal-rei de ao casar com os Valois, obter de imediato o apoio francês ante as ambições sucessórias de Filipe II em Portugal, facto aliás bem presente na mente do colector Fontana quando em 1579 referiu a chegada a Lisboa dos embaixadores de Henrique III e de Catarina de Médicis.

Já no caso da infanta D. Maria, a proximidade com a corte francesa patente nas missivas (docs. 7, 8, 13 e 15) encontra razões distintas. Filha da rainha D. Leonor de Áustria (1498-1558), irmã do Imperador Carlos V (r. 1519-1556) e esposa de Francisco I (r. 1515-1547), a infanta portuguesa teve longas negociações com a corte Valois para

[27] Ver notas 19 e 21.

[28] Archivo Apostolico Vaticano (ASV), *Segretaria di Stato Portugallo*, nº 1, fl. 217.

[29] Sobre a questão do casamento do cardeal-rei, além de POLÓNIA, Amélia, *D. Henrique*… veja-se ainda: LOUREIRO, Francisco de Sales, "O problema do casamento do cardeal-rei". *Clio*, 3, 1981, pp. 67-81; AMORIM, Pedro, "«Cassar el Rey Negoceo He Publico»: as diligências matrimoniais dos últimos monarcas de Avis". *Casamentos da Família Real Portuguesa*, vol. III, 2018, pp. 164-171; PISSURNO, Fernanda Paixão, «O casamento do cardeal: notas sobre a trajetória e um possível matrimônio de D. Henrique, Rei de Portugal", *Revista Eletrônica Cadernos de História,* 9, 2014.

ver confirmados os bens herdados da sua mãe no sul de França.[30] As suas cartas a Carlos IX são particularmente relevantes por nelas se entrever a esperança de resolução das questões pendentes. Na resolução de ambas interveio o embaixador Jean Nicot, admirador da infanta D. Maria, convencendo-a a nomear certos oficiais nos seus domínios franceses, mas também o embaixador João Pereira Dantas em França em diversas ocasiões. Ausente de menção directa nestes documentos, mas impossível de ignorar na forma como a infanta redigiu as missivas, e factor explicativo de Nicot ter chegado a afirmar que esta era a maior entusiasta das relações luso-francesas em Portugal, está a questão do possível enlace da infanta D. Maria com Francisco de Guise (1534-1563), grão-prior do ramo francês da Ordem de Malta e irmão do duque de Guise. A correspondência de Nicot documenta o impacto da sua vinda a Portugal em 1560, e o relato de Pierre de Bourdeille (1540-1614), senhor de Brântome, revela que entre ambos existiu um interesse amoroso. Bourdeille afirmou mesmo que Guise tentou obter dispensa de casamento para casar com a infanta D. Maria, mas conclui que o seu falecimento em 1563 obliterou tal hipótese.[31] Não é certo que naquela data a infanta tivesse interesse em casar-se em França, mas importa relevar que não era a primeira vez que se consideravam casamentos franceses para a infanta D. Maria, ainda que nenhum se tenha concretizado nem antes nem depois.[32]

Por fim, as missivas redigidas em nome de D. Sebastião de Janeiro e Maio de 1561 a Catarina de Médicis e Carlos IX (docs. 4, 9 e 10) são também relevantes num outro âmbito. Não só todas elas confirmaram a aliança entre ambas as coroas no início do reinado de Carlos IX e procuraram atalhar também os desafios causados pela perda do Fort Coligny e rumores constantes de retaliação francesa,[33] como são todas assinadas pela rainha D. Catarina na qualidade de regente de Portugal. Uma diferença fundamental aqui emerge: enquanto as missivas de D. Catarina e D. Sebastião são escritas oficialmente pela chancelaria portuguesa, as do cardeal D. Henrique e da infanta D. Maria são escritas da sua própria mão. Apesar de todas as cartas alinharem no conteúdo e objectivos finais a atingir, esta diferença não é de somenos importância, pretendendo mostrar a Carlos IX e a Catarina de Médicis que quer formal, quer informalmente, a família real portuguesa pretendia manter o *status quo*. Esta questão encontra-se ligada à importância bem conhecida por todos estes interloctures das normas da tratadística epistolar da época,[34] e que era comum a várias dinastias europeias.[35] A sua manutenção era tanto mais relevante quanto em 1560-61, a hipótese de um futuro casamento francês de D. Sebastião não estava de todo arredada. Bem pelo contrário, ao regressar a França, em Outubro de 1561, o embaixador Jean Nicot levava garantida a profunda inclinação portuguesa a que tal casamento se concretizasse a seu tempo. Na mesma época, também o embaixador Dantas o propunha abertamente a Catarina de Médicis e nas cortes de 1562-63 este foi explicitamente recomendado ao novo regente cardeal D. Henrique.[36] O facto do casamento não se ter concretizado posteriormente, não deve assim afectar a interpretação destas missivas, nas quais outros dos temas om-

[30] SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *A Infanta Dona Maria (1521-1557) e a sua fortuna no Sul da França*, Lisboa, Álvaro Pinto, 1955. Note-se ainda como existem uma série de documentos relativos ao dote da rainha D. Leonor e posses enquanto rainha de França, datados do período de vida do seu marido Francisco I e posteriormente durante o reinado de Henrique II. Todos estes documentos foram posteriormente usados infanta D. Maria para reclamar a herança da sua mãe em França, motivo pelo qual nalguns deles a infanta é explicitamente mencionada. Estes documentos em francês ainda necessitam de ser estudados em conjugação com os trabalhos de Joaquim Veríssimo Serrão. Os mesmos encontram-se em Archive des Ministere des Affaires Etrangers (Corneuve - Paris), Supplement Portugal, vol. I, fls. 10-151.

[31] COUTINHO, C., *O Grão Prior de França e a sua armada no Tejo em 1560. Subsídio para um pretenso noivado da Infanta D. Maria*, Lisboa, Separata Arquivo Histórico de Portugal, 1936, p. 252.

[32] BRAGA, Paulo Drumond, *D. Maria (1521-1577). Uma infanta no Portugal de Quinhentos*, Lisboa, Edições Colibri, 2012, pp. 91-96; PINTO, Carla Alferes, *A Infanta Dona Maria de Portugal. O mecenato de uma princesa renascentista,* Lisboa, Fundação Oriente, 1998, pp. 42 e 47.

[33] VILA-SANTA, Nuno, "Fighting for…", pp. 1119-1120.

[34] Sobre este tema aplicado ao caso ibérico vejam-se várias considerações de BOUZA, Fernando, *Corre Manuscrito: Una historia cultural del Siglo de Oro*, Madrid, Marcial Pons, 2001.

[35] A mero título de exemplo para o caso inglês veja-se: ALLISON, Rayne, *A Monarchy of Letters. Royal correspondence and English diplomacy in the Reign of Queen Elizabeth I*, Nova Iorque, Palgrave Macmillan, 2012, pp. 1-16.

[36] Sobre o tema veja-se: SÃO MAMEDE, Conde de. *Don Sébastien et…*

nipresentes (apesar de não explicitamente abordado) é esse.

2. OUTROS DOCUMENTOS SOBRE AS RELAÇÕES LUSO-FRANCESAS (1570-1608)

O segundo lote de documentos (docs. 16-23) é proveniente da Bibliothéque de L'Institut de France (BIF), em particular da colecção Godefroy. Pela cronologia em questão, deve ser entendido à luz da crescente tensão nas relações entre França e a Monarquia Hispânica que marcou as décadas finais do século XVI e se arrastaria durante todo o século XVII. Devido à integração de Portugal na Monarquia Hispânica em 1580 ter significado o fim de uma diplomacia autónoma portuguesa, todos os documentos em questão são relevantes por documentarem a importância da ligação luso-francesa no período da União Dinástica. Importa, por isso, contextualizar brevemente a proveniência dos documentos. Esta colecção foi custodiada por sucessivos membros da família Godefroy nos séculos XVI a XVIII. Esta família trabalhou para a Coroa francesa na área da advocacia e do Direito. No caso de Theódore de Godefroy (1580-1649), o primeiro detentor de todos os documentos que aqui se publicam, cedo entrou ao serviço do rei Luís XIII (r. 1610-1643) e do cardeal Richelieu (1585-1642).[37] Tendo publicado várias obras como historiador do rei de França, Theódore de Godefroy foi também arquivista deste monarca, tendo tido copioso acesso a valiosos documentos da Coroa francesa. Por esta razão, a sua colecção é um verdadeiro tesouro documental de interesse bem além da história francesa uma vez que este e os seus descendentes colecionaram documentos relevantes para a história de toda a Europa Ocidental.

Theódore de Godefroy deteve uma importante colecção de documentos relativos às relações luso-francesas, em parte como consequência de ter actuado na corte francesa na defesa dos interesses portugueses em ocasiões concretas no pós-Restauração de 1640: nas negociações de Münster de 1643 e da paz de Westfalia de 1648,[38] e já os seus sucessores no Tratado dos Pirenéus de 1659 assinado entre a França e Espanha.[39] O seu intuito (não alcançado) era, com diversa argumentação histórica e jurídica, convencer a Monarquia Francesa a incluir Portugal nas pazes a concluir com Espanha, argumentando em vários pareceres que não só todas as dinastias portuguesas descendiam da Casa Real francesa, como era do interesse de França defender a independência portuguesa face a Espanha. Tal inseria-se na disputa franco-espanhola pelo poder na Europa do século XVII.

Como consequência deste interesse, Godefroy colecionou documentos autógrafos atinentes à relação entre as coroas francesa e lusa, alguns dos quais já publicados, mas outros até agora menos conhecidos. Da análise dos volumes desta colecção emerge a suspeita de que Godefroy terá tido acesso a mais documentos do que aqueles que ali hoje se encontram. Por razões desconhecidas, ligadas à dispersão do arquivo de Godefroy e dos seus descendentes durante a Revolução Francesa e posterior reorganização oitocentista nos actuais volumes, é difícil saber que outros documentos sobre as relações luso-francesas terá possuído. Assim, esta secção privilegiará a análise dos documentos em anexo documental, com ocasionais referências a outros documentos conservados na colecção ainda carentes de estudo.

O primeiro documento relevante de mencionar é uma carta autógrafa de D. António, Prior do Crato, a Catarina de Médicis de Janeiro de 1570 (doc. 16). Apesar de não ser claro o assunto que é abordado na missiva, fica evidente que naquela data o Prior do Crato tinha relação próxima com a rainha-mãe de França. Não se conhecem outros indícios anteriores desta relação, mas importa lembrar que em 1565 D. António fugiu de Portugal, devido a conhecidas desavenças com D. Catarina e o cardeal D. Henrique,[40] para a corte de Filipe II onde foi bem acolhido. Terá o Prior

[37] Para mais detalhes veja-se: THOMSON, Erik, "Commerce, Law, and Erudite Culture: The Mechanics of Théodore Godefroy's Service to Cardinal Richelieu", *Journal of the History of Ideas*, 68-3, 2007, pp. 407-427.

[38] CARDIM, Pedro, "Portuguese Rebels" at Münster. The diplomatic self-fashioning in the mid-17th century European Politics" in *Der Westfälische Friede. Diplomatie, politische Zäsur, Kulturelles Umfeld, Rezeptionsgeschichte*, direcção de Heinz Duchhardt, Munique, R. Oldenbourg, 1998, pp. 319-320.

[39] BIF, Godefroy 496, fls. 253-374.

[40] CORAL, Carlos Jokubauskas, *O último Avis…*, pp. 144-146; DANVILA, Alfonso, *Felipe II y El Rey Don Sebastián de Portugal*, Madrid, Espasa-Calpe, 1954, pp. 152-158.

ponderado uma fuga para França nesta data também? Não existe evidência documental que o permita comprovar, mas a hipótese pode ser levantada à luz deste documento e dos anteriores a que se fez referência, nos quais ficou clara a proximidade da família real lusa à francesa na década de 1560.

Já a carta do cardeal-rei D. Henrique à rainha Luísa de Lorena (1553-1601), esposa do rei Henrique III desde 1575, com data de 30 de Maio de 1579 (doc. 17) foi redigida por secretário régio e assinada pelo monarca. A carta do mesmo dia e local dirigida pelo cardeal-rei ao monarca francês foi já publicada,[41] sendo que o doc. 17 terá sido remetido para França em conjunto com a carta a Henrique III. Em ambas as missivas, o cardeal-rei agradeceu a Henrique III a visita do senhor de Beauvais, enviado pelo monarca Valois para o cumprimentar pelo falecimento de D. Sebastião e pela sua sucessão. O enviado do monarca francês foi bem recebido pelo cardeal-rei, a quem prometeu ajuda militar e inclusivamente uma intervenção militar francesa na Navarra espanhola em caso de invasão de Filipe II a Portugal. A promessa francesa levou o cardeal-rei a libertar 24 franceses presos nas galés.

Semelhante proposta fez também Urbain de Saint-Gelais, o enviado de Catarina de Médicis, quando chegou pouco depois, com ofertas de ajuda militar a Portugal.[42] Neste contexto, o cardeal-rei D. Henrique agradeceu particularmente, em missiva de 19 de Agosto de 1579 a Catarina de Médicis, a visita de Saint-Gelais, a qual se sabe teve também como propósito apresentar a candidatura da monarca francesa à sucessão do cardeal-rei (doc. 18). Apesar de a carta também ter sido escrita por secretário e apenas dada a assinar pelo monarca, fica evidente, tal como nas cartas autógrafas que antes dirigiu à rainha-mãe de França na década de 1560, que o cardeal-rei mantinha grande respeito e consideração por esta. Tal não significa, contudo, que tenha dado seguimento à sua candidatura à sua sucessão, como é conhecido. A este respeito importa realçar que na colecção de Theódore de Godefroy se encontram vários documentos pelos quais a rainha-mãe de França justificava formalmente, já em 1580, os direitos que alegava à Coroa lusa.[43] Estes documentos em francês e latim são distintos, mas complementares aos já trabalhados por Veríssimo Serrão.[44] Outro documento que Godefroy compilou foi uma cópia latina da bula de 1579 do Papa Gregório XIII (r. 1572-1585) pelo qual retirava ao cardeal-rei os poderes para julgar o caso da legitimidade do Prior do Crato. Apensa a esta cópia encontra-se uma genealogia do cardeal-rei.[45]

Outros documentos da colecção evidenciam a importância da ligação portuguesa a França. Morto o cardeal-rei e sucedendo-lhe os Governadores do Reino num contexto em que se perfilava no horizonte a invasão de Filipe II a Portugal, é conhecido que D. Catarina (1540-1614), duquesa de Bragança, escreveu para as cortes francesa e inglesa a solicitar apoio em Maio de 1580.[46] É também sabido que a duquesa o fez logo em Fevereiro de 1580 e que nas missivas mencionava as cartas que D. João (1544-1583), 6º duque de Bragança e seu marido, também escrevera para a corte francesa e para Roma.[47] São igualmente conhecidos vários documentos atinentes às negociações entre a Casa de Bragança e Filipe II já mais avançado o ano de 1580 tendo em vista a renúncia dos seus direitos à coroa lusa e as respectivas contrapartidas.[48] Todavia, desconheciam-se as missivas que o 6º duque de Bragança dirigiu a Henrique III a 6 de Março de 1580 (doc. 19), e a Catarina de Médicis a 10 de Março de 1580 (doc. 20), solicitando auxílio militar. As duas cartas estão em francês, tendo sido muito provavelmente traduzidas por Godefroy de originais que não se conservam na sua colecção por razões desconhecidas. Ainda assim, ambas as cartas são importantes por documentarem, depois das conhecidas de Fevereiro de 1580, como o duque mantinha a sua intenção de suster os direitos da sua esposa ante a provável invasão de Filipe II. Para tal, em ambas as missivas, o duque declarava-se disposto a resistir militarmente se

[41] VEIGA, Carlos Margaça, *Poderes e poderes…*, vol. II, pp. 52-54.
[42] VEIGA, Carlos Margaça, *Poderes e poderes…*, vol. I, p. 310.
[43] BIF, Godefroy 496, fls. 207-226.
[44] SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *Os Juristas em…*
[45] BIF, Godefroy 496, fls. 174-175.
[46] SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *O Reinado de…*, pp. 527-528.
[47] VELLOSO, José Maria de Queirós. *O interregno dos governadores e o breve reinado de D. António*, Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1953, pp. 22-23 e 222-223.
[48] VELLOSO, José Maria de Queirós. *O interregno…*, pp. 229-275.

necessário fosse, relembrando os direitos de D. Catarina enquanto herdeira do infante D. Duarte (1515-1540), anterior duque de Guimarães e irmão de D. João III. Manifestava ainda plena confiança que os juízes nomeados pelo cardeal-rei para decidir a sucessão, declarariam a sua esposa como herdeira deste. Nesta consideração, o duque jogava com o facto de a sua esposa D. Catarina ser irmã do defunto senhor D. Duarte (1541-1576), figura que o 6º duque de Bragança sabia bem que antes fora comentado em Portugal e na Europa (em Itália, Espanha, França, Sacro-Império e Inglaterra) como um digno hipotético sucessor de D. Sebastião[49].

Na realidade, é sabido que em Março de 1580 o duque conseguira já arregimentar para a sua causa Jean de Vivonne (1534-37?-1599), o embaixador francês em Madrid entre 1572 e 1582, que não cessava de insistir com Henrique III para enviar soldados rapidamente para Portugal e sobretudo de suster os direitos da duquesa, em desfavor do Prior do Crato.[50] Porém, o monarca gaulês recusou, ainda em Março de 1580, a proposta do embaixador de Isabel I (r. 1558-1603) na corte Valois para a declaração de uma aliança anglo-francesa que dissuadisse Filipe II de ordenar a invasão de Portugal.[51] Apesar de não ter apoiado tal iniciativa inglesa essencialmente devido ao estalar de nova guerra civil francesa, Henrique III permaneceu atento à evolução da situação lusa. Ainda que não datados, mas certamente de 1580, são os apontamentos do secretário Nicolas Villeroy (1543?-1617) a Henrique III sobre a questão portuguesa.[52] Por fim, Godefroy deteve uma tradução francesa da carta dos Governadores do Reino de 12 de Março de 1580 a Catarina de Médicis (doc. 21), na qual também estes solicitavam socorro militar. Um autógrafo em português desta carta conserva-se noutro exemplar da colecção.[53] Optou-se por não publicar esta versão para evitar repetições e também porque esta carta é textualmente igual à dirigida pelos Governadores do Reino a Catarina de Médicis mas com data de 19 de Fevereiro de 1580 e já publicada.[54] Ainda assim, a tradução francesa ordenada por Godefroy evidencia que este reconhecia bem a importância histórica do documento pelo qual as autoridades lusas solicitavam auxílio militar a França. Tal consciência de Godefroy é ainda mais evidente relativamente aos documentos sobre a causa antonista que compilou.

Com data de 6 de Maio de 1580, é a missiva de D. Francisco de Portugal, 3º conde de Vimioso (1550-1582) e conhecido apoiante de D. António, a Henrique III (doc. 22). Esta carta é muito semelhante à dirigida pelo 3º conde de Vimioso a Catarina de Médicis a 17 de Maio de 1580 e ao irmão do monarca gaulês, Francisco (1555-1584), duque de Alençon, a 28 de Maio de 1580. Ambas estão publicadas.[55] A missiva em questão é autógrafa. A diferença das datas é aqui relevante pois poderá indiciar que D. António terá feito partir a carta ao soberano francês antes das restantes, num momento em que era certo que Filipe II invadiria Portugal, mas em que ainda não tinha chegado qualquer socorro militar substancial de França. Neste contexto, a forma como D. Francisco redigiu a carta é particularmente relevante pois pretendia com o discurso inflamado da resistência de D. António e dos seus partidários à projectada invasão filipina, vencer as hesitações que o monarca Valois até então evidenciara (as quais eram então lamentadas em Portugal) em enviar os prometidos socorros.

Por fim, entre outros documentos referentes a D. António, a colecção Godefroy contêm vários autógrafos de conhecidos apoiantes de D. António que escreveram a Henrique III e a Catarina de Médicis de Angra em Setembro de 1581, elogiando a acção do capitão francês Antoine Escalin, enviado à região para apoiar a rebelião da ilha Terceira em favor de D. António.[56] Todas as cartas foram já publicadas e enquadram-se nos conhecidos combates navais franco-espanhóis ali registados em 1581-82,[57] no âmbito da resistência antoniana à ocupação filipina de Portugal

[49] VILA-SANTA, Nuno, Giurgevich, Luana, *A corte de D. Sebastião vista por Giovanni Andrea Caligari (1575-1577). Novos dados para uma problemática já conhecida?*, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, 2025, pp.85-94.

[50] VELLOSO, José Maria de Queirós. *O interregno…*, pp. 68-71.

[51] VELLOSO, José Maria de Queirós. *O interregno…*, pp. 27-28 e 68-71.

[52] BIF, Godefroy 496, fl. 41.

[53] BIF, Godefroy 260, fl. 27.

[54] SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *O Reinado de…*, pp. 524-525.

[55] SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *O Reinado de…*, pp. 526 e 528-529.

[56] BIF, Godefroy 260, fls. 82, 84, 86, 93, 94.

[57] *Archivo dos Açores*, vol. 11, Ponta Delgada: Tip. Do Archivo dos Açores, 1892, pp. 233-235 e 330-331.

continental. Já relativamente ao Prior do Crato é relevante fazer referência a uma carta autógrafa sua sem data e assinada de Rochester, mas que nos parece ser de 1581, na qual o Prior do Crato se declara leal vassalo e servidor de Henrique III e promete em breve regressar da corte isabelina.[58] Esta carta é particularmente importante porque se encontra associada ao doc. 23: a cópia em francês de uma missiva do rei Henrique IV (r. 1589-1610) de 1608 na qual o monarca francês refere o compromisso que ele próprio assumiu com o Prior do Crato antes deste falecer de sempre apoiar e sustentar a sua causa agora na pessoa dos seus descendentes. O pretexto para o fazer eram negociações franco-neerlandesas, nas quais o monarca francês pretendia que se assegurem os interesses de D. Manuel de Portugal (1568-1638), o primogénito do Prior do Crato, que, em 1597, casou na República Neerlandesa com Emília de Nassau (1569-1629), filha de Guilherme de Orange (1533-1584).

Na colecção de Godefroy, este documento não pode ser desligado de panfletos já das primeiras décadas do século XVII que detinha com notícias referentes a este filho do Prior do Crato. A posse de todos estes documentos por Godefroy influenciou, aliás, a sua acção lobista nas cortes de Luís XIII e Luís XIV (r. 1643-1715) em defesa dos interesses de Portugal, na medida em que Theódore Godefroy percebeu a ligação entre a propaganda e guerra do Prior do Crato e seus descendentes e a Restauração operada em 1640. Neste sentido, deter as provas documentais de como França apoiara sempre a causa antonista e como mesmo antes da crise dinástica portuguesa de 1580, as relações entre ambas as coroas eram já muito fortes era fundamental para fortalecer o seu objectivo final: o de que França pela sua antiguidade e peso histórico-cultural na Europa devia ter precedência em relação a Espanha e devia ser vista e tratada numa posição de superioridade.

Foi, aliás, esta mesma lógica que o levou a guardar zelosamente outros interessantes documentos autógrafos: uma carta de Henrique IV pela qual este ordenava ao conde de Hospital a colonização do Cabo da Boa Esperança em 1608; roteiros náuticos espanhóis; uma tradução francesa do roteiro de Vicente Rodrigues da Carreira da Índia; planos náuticos espanhóis contra os neerlandeses; uma declaração secreta em espanhol a Filipe IV (r. 1621-1665) clamando pelo bom treino de pilotos para as principais rotas oceânicas de Espanha.[59] Godefroy percebeu que a disputa franco-espanhola não era apenas na Europa. Ela alargava-se aos mares e quem neles dominasse teria uma palavra fundamental no jogo europeu, algo que o mecenas de Godefroy, o cardeal de Richelieu, também defendeu abertamente, em particular após a reconquista (para o domínio real da Monarquia Francesa) de La Rochelle na década de 1620. Também por esta razão, o papel que a causa portuguesa, fosse a antonista ou a da Restauração, podia desempenhar nos planos franceses não era de todo despiciendo, motivando todo o colecionismo de manuscritos referentes a Portugal de Theódore Godefroy. A lógica colecionista de Godefroy é em tudo semelhante à de vários outros seus contemporâneos da "Repúblicas de Letras", como por exemplo, o erudito português Vicente Nogueira.[60] Deve ainda ser entendida à luz das bem conhecidas práticas nobiliárquicas de construção do que actualmente se designa como arquivos de família,[61] e que em muitos casos incluía a conservação de importantes documentos históricos que atestavam a participação de membros da Casa em importantes negociações políticas e diplomáticas, precisamente como no caso de Theódore Godefroy.

CONCLUSÃO

Em suma, todos os documentos em apêndice detêm um denominador comum: a importância das relações luso-francesas da segunda metade do século XVI para ambos os lados. Se os documentos de 1560-61 evidenciam, em conjunção com os atinentes às embaixadas de Jean Nicot e João Pereira Dantas, a busca activa por ambos os lados de uma aliança declarada, já os documentos relativos à crise dinástica e à causa antonista evidenciam ainda melhor a importância dessa relação para ambos, quando se tratou de efectivá-la em termos militares. Mais do que mera

[58] BIF, Godefroy 283, fl. 89.

[59] Respectivamente BIF, Godefroy 96, fls. 3-4, 84-93, 98-127, 256, 346-347.

[60] MONTCHER, Fabien, *Mercenaries of Knowledge: Vicente Nogueira, the Republic of Letters, and the Making of Late Renaissance Politics,* Cambridge, Cambridge University Press, 2023.

[61] *Arquivos de Família, séculos XIII-XX: que presente, que futuro?*, edição Maria de Lurdes Rosa, Lisboa, IEM/CHAM, 2012.

formalidade diplomática como uma primeira leitura pode sugerir, estes documentos evidenciam bem a complexidade de que se revestiram sempre as relações luso-francesas no século XVI. Se por um lado, ambas as cortes procuravam uma aliança militar e matrimonial na Europa que pudesse fazer contrapeso à hegemonia espanhola, por outro, os numerosos incidentes marítimos e rivalidades ultramarinas contribuíram para que esta aliança nunca se efectivasse como ambos os lados desejavam. A constante interferência da diplomacia espanhola, quer em França, quer em Portugal (tema que necessita ainda de se abordado em forma comparativa),[62] não foi de todo alheia a este desfecho. No entanto, a vontade de tal aliança é ineludível em todos estes documentos.

Assim, a publicação destes pode ser usada como ponto de partida para novos trabalhos sobre as relações luso-francesas do século XVI e a sua importância na história de ambos os países. Todavia, como alguns destes documentos evidenciam, apesar da sua especificidade luso-francesa, os temas nele abordados também impactaram directamente alguns dos principais acontecimentos da Europa de então. É esse o caso das relações dinásticas luso-francesas, pelo seu impacto na política matrimonial e dinástica europeia de Habsburgos, Valois, Avis e até Tudor e na evolução das guerras civis francesas da década de 1560. Já relativamente aos documentos atinentes ao período da crise dinástica portuguesa e período subsequente, estes ajudam a elucidar diversos aspectos das relações luso-francesas no período da integração de Portugal na Monarquia Hispânica e da resistência antoniana a esta. O papel da resistência da causa antoniana e a sua relação com a resistência francesa, inglesa e neerlandesa à hegemonia de Filipe II na Europa é ineludível pelo que este é mais outro exemplo de um tema de relações luso-francesas de amplo impacto da história da Europa Moderna. Deste modo, a publicação destes documentos pode ainda ser utilizada para a realização de novos estudos que melhor documentem como as relações luso-francesas afectaram também as principais dinâmicas da Europa do tempo.

APÊNDICE DOCUMENTAL[63]

Doc. 1 – Carta da rainha D. Catarina de Áustria à rainha Catarina de Médicis, 31.III.1560, Lisboa (BnF, Cinq cents de Colbert 27, fl. 334)

Muito alta muito poderosa e christianissima princesa irmã e prima. Eu Donna Catherina per graça de Deos Rainha de Portugal e dos Algarves daquem et dalem mar em Affrica, senhora da Guine e da conquista navegaçam comertio de Etiopia, Arabia, Persia et da Jndia, Jnfante dalemanha, de Castela, de Liam, Daraguam, das duas Cesilias, de hierusalem vos envio muito saudar como aquelle que muito amo e prezo. Istimo tanto a visitaçam que me pelo senor de Ramboyllet me mandaste fazer, e a carta que por ele me screvestes por ser sinal do muito amor que me tendes, que me nam satisfaço nem satisfarey, em quanto nam souber que conhecejs quam bem empreguado fiqua pelo que vos eu tenho por quantas razões para isso ha. Pelo que vos peço affectuosamente que o creais asy e que me facaes saber sempre muitas novas de vos e dalguũa cousa se a ha em que vos possa comprazer. As de mim vos dirá o dito senor de Ramboillet. Affectuosamente vos peço que o creais no que vos diser açerqua disso e em muy singular prazer o receberey de vos muito alta muito poderosa e christianissima princesa irmã e prima. Nosso senhor aja sempre vossa pessoa e real estado em sua sancta guarda. Scripta en lixboa a xxxj de março de 1560.

Vossa boa irmã e prima,
Raynha

Doc. 2 – Carta do cardeal D. Henrique à rainha Catarina de Médicis, 3.I.1561, Lisboa (BnF, Français 3182, fls. 11-11v.)

[62] Neste ponto note-se como os trabalhos sobre a diplomacia francesa em Espanha (RIBERA, Jean-Michel, *Diplomatie…)* e a diplomacia espanhola em França neste período (PRADA, Valentín Vásquez, *Felipe II y Francia. Política, Religíon y Razón de Estado*, Pamplona, EUNSA, 2004), apesar de incluírem variadas referências a Portugal, raramente as integram nas suas narrativas da evolução das relações.

[63] Seguem-se os critérios de transcrição paleográfica sugeridos em DIAS, João José Alves, *Álbum de Paleografia*. Lisboa, Estampa, 1987, exceptuando no assinalar a itálico das letras desabreviadas, na actualização do uso de maiúsculas e minúsculas e adição de pontuação para melhor compreensão dos textos.

Fl. 11/Senhora,

Neste tamanho sentimento do falecimento do senhor Rei de França seu filho não quis eu deixar de dizer a V. A. a grande parte que me nelle coube, asi que todas as rezões gerais como pola particular de eu ser tanto seu servidor, e de V. A., e desejoso de acrescentar e conservar amizade e liança deste Reinos. Mas como isto fica agora em Vossa Alteza em esperança de ser Rei seu filho espero em nosso senhor que tudo ver por bem para fazerem grandes serviços a nosso senhor e para isso se deve V. A. esforçar muito nele e/fl. 11v. temperar a dor e provisam presente, e porque lhe não me podem fazer esta obra tão conforme e digna de Vossa Alteza. E porque o mais dirá dom tomas a Vossa Alteza a elle me remeto e peço a Vossa Alteza que por elle mo faça saber como está e se á alguũ conselho em que a possa servir porque nisso receberei sempre grande merçe. Nosso senhor conserve em muito alto estado de V. A. [e] o guarde e prospere como deseja. De Lisboa 3 de Janeiro de 1561.

Beijo as mãos a V. Alteza,
O Cardeal Jffante

Doc. 3 – Carta do cardeal D. Henrique a Carlos IX, 3.I.1561, Lisboa (BnF, Français 3192, fls. 75-75v.)

Fl. 75/Senhor

Porque a dom tomas de noronha que el Rei meu senhor manda visitar Vossa Alteza encomendei que dissesse a Vossa Alteza quanto senti o falecimento do senhor Rei seu irmão que nosso senhor tenha em sua gloria, e me alegrei, ia [sic][64] que nosso senhor o tenha asi ordenado, soceder Vossa Alteza em seu lugar e ficar nelle a esperança que se tinha no senhor seu irmão. Far-me-á Vossa Alteza merce dar lhe credito, e mandar-me dizer por elle como está, e em que o posso servir, que para mim será grande merce e conhecer/fl.75v. Vossa Alteza este meu deseio que he conforme a amizade e liança que el Rey meu senhor tem com Vossa Alteza e particular afeiçam minha. Nosso senhor a vida e muito alto estado de Vossa Alteza guarde e prospere como deseja. De Lisboa 3 de Janeiro de 1561.

Beijo as mãos a Vossa Alteza,
O Cardeal Jffante

Doc. 4 – Carta de D. Sebastião à rainha Catarina de Médicis, 6.I.1561, Lisboa (BnF, Français 3192, fls. 75-75v.)

Fl. 77/Muito alta muito poderosa e christianissima princesa irmã e prima. Eu Dom Sebastian per graça de Deos Rey de Portugal e dos Algarves daquem et dalem mar em Affrica, senhor da Guine e da conquista navegaçam comertio de Etiopia, Arabia, Persia et da Jndia vos envio muito saudar como aquelle que muito amo e prezo. Mando Dom Thomas de Noronha fidalgo de minha casa para de minha parte vos visitar e dizer o grande sentimento que do falescimento del Rey de França vosso filho meu muito amado e prezado irmão e primo por quantas rezões pera isso avia e por a perda que recebestes. Affectuosamente vos peço que o queiraes ouvir e dar inteiro credito no que açerqua diso de minha parte vos diser e muj singular prazer o receberey de vos, muito alta muito poderossa e christianissima princesa prima. Nosso senhor aja sempre vossa pessoa e real estado em sua sancta guarda. Scripta em lixboa a bj de Janeiro de 1561.

Vosso irmão e primo,
Raynha

Doc. 5 – Carta da rainha D. Catarina de Áustria a Carlos IX, 6.I.1561, Lisboa (BnF, Français 3192, fl. 79)

Muito alto muito poderoso e christianissimo irmão e primo. Eu Donna Catherina per graça de Deos Rainha de Portugal e dos Algarves daquem et dalem mar em Affrica, senhora da Guine e da conquista navegaçam comertio de Etiopia, Arabia, Persia et da Jndia, Jnfante dalemanha, de Castela, de Liam, Daraguam, das duas Cesilias de hierusalem vos envio muito saudar como aquelle que muito amo e prezo. Eu mandey a Dom Thomas de noronha fidalguo da cassa del Rey meu neto que de minha parte vos visitar pelo falescimento del

[64] Ainda.

Rey Francisco vosso irmãao que nosso senhor foy servido levar para sy e disese o sentimento que eu tive. Affectuosamente vos peço que o queiraes ouvir e dar lhe inteiro credito no que acerqua disso de minha parte vos diser e em muj prazer o receberey de vos muito Alto muito poderoso e christiniassimo principe irmão e primo. Nosso senhor aja sempre vossa pessoa real estado em sancta guarda. Scripta em lixboa a vj de Janeiro de 1561.

Vossa boa hirmã e prima,
Raynha

Doc. 6 – Carta da rainha D. Catarina de Áustria à rainha Catarina de Médicis, 6.I.1561, Lisboa (BnF, Français 3192, fl. 81)

Muito Alta muito poderosa e christianissima irmã e prima. Eu Donna Catherina per graça de Deos Rainha de Portugal e dos Algarves daquem et dalem mar em Affrica, senhora da Guine e da conquista navegaçam comertio de Etiopia, Arabia, Persia et da Jndia, Jnfante dalemanha, de Castela, de Liam, Daraguam, das duas Cesilias de hierusalem vos envio muito saudar como aquella que muito amo e prezo. Ta[m] que soube do falescimento del Rey de França vosso filho receby disso aquele sentimento que era razam e a perda de hũu tal principe requeva [sic][65], como dom Thomas de Noronha, fidalguo da cassa del rey meu neto, que mandej que de minha parte vos visitasse, mais particularmente dirá. Affectuosamente vos peço que o queiraes ouvir e dar inteiro credito no que açerqua diso de minha parte vos diser, e em muy singular prazer o receberey de vos muito Alta muito poderossa e christianissima princesa irmã e prima. Nosso senhor aja sempre vossa pessoa e real estado em sua samcta guarda. Scripta em lixboa a vj de Janeiro de 1561.

Vosa boa hirmã e prima,
Raynha

Doc. 7 – Carta da infanta D. Maria a Carlos IX, 8.I.1561, Lisboa (BnF, Français 3192, fl. 82)

Senhor

Do falecimento do senhor Rey de França seu irmão que nosso senhor foi servido levar pera si, recebi aquelle sentimento que as muitas razões que para isso avia me obrigavam. E de ser Vossa Alteza o que soçedesse na coroa desse reyno, muy grande contentamento pellas razões que assi mesmo para isso ha. E porque onde ellas estão tam claras posso escusar de as dar. Será esta somente para lho assi significar e pedir me mandar avisar de sua dispossição que prazera a nosso senhor ser a que deseja e em muita merce o receberey de Vossa Alteza, cuja muy real pessoa nosso senhor guarde como deseja. De lixboa a viij de Janeiro de MDLxj.

A Jffante dona maria

Doc. 8 – Carta da infanta D. Maria à rainha Catarina de Médicis, 8.I.1561, Lisboa (BnF, Français 3192, fl. 83)

Senhora,

Fui sempre tam afeiçoada a todas as cousas de Vossa Alteza e tive sempre por esse respeito tanta parte em todos seus contentamentos e desconsolações que avendo ella de a receber tam grande pello que nosso senhor foi servido que socedesse nom podia deixar de me doer e o sentir como me a isso obrigava o grande amor que a Vossa Alteza e as muitas razões que para isso ha, as quaes assi mesmo me obrigão pedir a Vossa Alteza o que tenho por certo nom lhe aver de esquecer, que he lembrar-se que são obras de nosso senhor, e como taes toma-llas de sua mão. Beijarey as mãos a V. A. pollo querer assi fazer. E a elle prazera dar-lhe a consolação necessaria e mandar-me em que sirva com muitas novas de sua disposição. Nosso senhor a muy real pessoa de vossa Alteza guarde como deseja. De lixboa a viij de Janeiro de MDCLxj.

Beijo as mãos a Vossa Alteza,
A JJfante dona maria

Doc. 9 – Carta de D. Sebastião à rainha Catarina de Médicis, 5.V.1561, Lisboa (BnF, Français 3159, fls. 50-52)

[65] Requeria.

Fl.50v./A muito alta muito poderosa e christianissíma princesa Dona Catherina, Rainha de França etc minha muito prezada irmã e prima

Fl.52/Muito alta muito poderosa e Christianissima princesa irmã e prima. Eu Dom Sebastião per graça de deus Rey de Portugal et dos Algarves daquem et dalem mar em Affriqua, senhor de Guinne et da conquista navegaçam comertio de Ethiophia, Arabia, Persia et da Jmdia vos envio muito saudar como aquela que muito prezo. Muito estimey a visitaçam que me por o senhor de sam salpice mandastes fazer. A carta que me por elle enviastes e o que me nela dezeis por ser tudo mays conforme ao grande amor que vos tenho e ao que requere amizade tam antigua como sempre ouve antre os Reis destes Reinos com os de França. De que tenho por certo aver de ser ElRey vosso filho e vos sempre tam bem lembrados como he rezam e merecem os desejos que da conservaçam dela tenho. E porque acerqua de tudo isto falei mais larguo ao dito senor de sam sulpice vos peço muy affectuosamente lhe queirais dar inteiro credito no que vos diser de minha parte e em muy singular prazer o receberey de vos muito alta muito poderosa e christianissima princesa irmã e prima. Nosso senhor aja sempre vossa pessoa e real estado em sua sancta guarda. Scripta em Lixboa a V de Mayo de 1561.

Vosso bom irmão e primo,
Raynha

Doc. 10 – Carta de D. Sebastião a Carlos IX, 5.V.1561, Lisboa (BnF, Français 3159, fls. 54-54v.)

Fl.54/Muito alto muito poderoso e christianissimo principe irmão e primo. Eu Dom Sebastiam per graça de deos Rey de Portugal e dos Algarves daquem et dalem mar em Affrica, senhor da Guine e da conquista navegaçam comertio de Etiopia, Arabia, Persia et da Jndia vos envio muito saudar como aquelle que muito amo e prezo. O senhor de sam salpice, gentil homem de vossa camera, me deu vossa carta e me visitou de vossa parte, significando-me o desejo e vontade que tendes da conservaçam da antiga amizade, que sempre ouve antre estes meus Reinos e os vossos. E como o meu nom será outro senam este mesmo, nam podia deixar de receber com isso contentamento e estimar muito tudo o que me o ditto senhor de sam salpice mandastes dizer acerqua disso, como o requere o amor que vos tenho e minha amizade. E porque acerqua disso falei mais larguo ao dito senhor de sam salpice, a ele me remeto pedindo-vos affectuosamente lhe queirais nisso dar inteiro credito, o que receberey de vos em muy singular prazer muito alto muito poderoso e muito christianissimo principe irmão e primo. Nosso senhor aja sempre vossa pessoa e real estado em sua sancta guarda. Scripta em Lixboa a V de Mayo de 1561.

Vosso bom Jrmãao e primo,
Raynha

Fl. 54v./Ao muito alto muito poderoso e christianissimo principe Dom Carlos Rey de França etc meu muito amado e prezado irmão e primo

Doc. 11 – Carta do cardeal D. Henrique à rainha Catarina de Médicis, 5.V.1561, Lisboa (BnF, Français 3159, fl. 55)

Senhora,

Monsieur de Sam Sulpice me deu a carta de Vossa Alteza e polo que me nela diz e ele me disse da parte de Vossa Alteza lhe beijo as mãos e peço a Vossa Alteza que tenha esta confiança em meus que tendo-lo que cumprir a seu serviço, e a conservaçam e aumentaçam da amizade, e aliança del Rei meu senhor com o senhor Rei de França seu filho, que nenhũa pessoa o a de deservir, e procurar por todas as vias mais que eu. E asi em tudo o que se ofrecer me pode mandar o que for seu serviço porque em tudo que eu puder o farei de/fl.55v. muito boa vontade, como disse ao monsieur de sam sulpice. E respondi ao mais que me disse, como elle dirá a Vossa Alteza, cuja vida e muito alto estado nosso senhor guarde e prospere como deseja. De lisboa 5 de maio de 1561.

A muito alta muito poderosa senhora Rainha de França

Beijo as mãos a Vossa Alteza,
O Cardeal JJnfante

Doc. 12 – Carta da rainha D. Catarina de Áustria à rainha Catarina de Médicis, 5.V.1561, Lisboa (BnF, Français 3192, fls. 74v.-75)

Fl. 74v./ A muito alta muito poderosa e christianissima princesa Dona Catherina, Rainha de França etc minha muito prezada irmã e prima

Fl. 75/Muito alta muito poderosa e christianissima princesa irmã e prima. Eu Donna Catherina per graça de Deos Rainha de Portugal e dos Algarves daquem et dalem mar em Affrica, senhora da Guine e da conquista navegaçam comertio de Etiopia, Arabia, Persia et da Jndia vos envio muito saudar como aquella que muito amo e prezo. O grande contentamento que tinha do que me dom thomas de noronha dise de vossa parte se me acrescentou com a carta que me agora escrevestes por o senhor de sam sulpice, gentil homem da camara del Rey vosso filho, e com o que me nela mandastes dizer, acerqua do amor, e vontade que me tendes e desejo de conservaçam d amizade destes reinos e os de França. E o estimo tanto como he rezam e reque[re] vossa boa vontade. Da qual he a minha muy confforme, e sempre procurei com todas as minhas forças pola conservaçam de tam boas amizades, como tendo por certo averdes vos de prover e fazer e de vos comprazer em tudo o que me requererdes, e for de vosso gosto e contentamento como mais particularmente disse ao dito senhor de sam sulpice, a quem me remeto. Receberey de vos muy singular prazer dar-des-lhe inteiro credito, muito alta muito poderosa e muito Christianissima princesa irmã e prima. Nosso senhor aja sempre de vossa pessoa e real estado em sancta guoarda. De lixboa a V de Mayo de 1561.

Vossa boa irmã e prima,
Raynha

Doc. 13 – Carta da infanta D. Maria a Carlos IX, 5.V.1561, Lisboa (BnF, Français 3192, fl. 84)

Senhor,

Pello senhor de Sancto suplici, gentil homem da camara de Vossa Alteza, recebi sua carta e visitação que de sua parte me fez. E pello que me disse lhe fico em grande obrigação e lho tenho muito em merce. E creo e espero de sua grandeza em santa virtude que folgara de me fazer merce e tratar minhas cousas como merece a vontade que tenho as de seu serviço. E porque acerca disto me remeto ao que lhe dirá o senhor de santo suplici nem digo mais senão que nosso senhor a muy real pessoa de Vossa Alteza guarde como deseja. Em lixboa a Cinco de maio de 1561.

A Jffante dona maria

Doc. 14 – Carta do cardeal D. Henrique a Carlos IX, 5.V.1561, Lisboa (BnF, Français 3192, fl. 86)

Senhor,

Beijo as mãos a V. Alteza pelo que me escreveo e mandou dizer por monsieur di san sulpice, seu gentil homem de camara. E porque eu deseio muito servir em tudo Vossa Alteza e muito mais em procurar a conservaçam e aumentaçam da amizade e aliança antre el Rei meu sobrinho e Vossa Alteza farei muito pouco, e tudo o que nisso fizer, desejando fazer muito por servir Vossa Alteza e conservar esta amizade e acrescentar em tudo o que/fl. 86v. for possível, como dirá monsieur de san sulpice a Vossa Alteza, cuja vida e muito alto estado nosso senhor guarde e prospere como deseja. De Lisboa 5 de maio de 1561.

A muito alto muito poderoso senhor Rei de França

Beijo as mãos de Vossa Alteza,
O Cardeal Jffante

Doc. 15 – Carta da infanta D. Maria a Carlos IX, 5.V.1561, Lisboa (BnF, Français 3192, fl. 87)

Senhor,

Per dom Thomas de Noronha recebi a carta de vossa alteza em resposta da que per elle lhe screvi. E agora outra pello senhor de santo suplici a que Vossa Alteza mandou que me visitasse de sua parte. Pellas quaes e pello que me elles refirirão vi a vontade que me tem e desejo de mandar fazer minhas cousas. E por tudo beijo as mãos a Vossa Alteza, a que peço por merce queira dellas

ter lembrança conforme a sua grandeza e muita virtude e como merece a vontade que tenho para servir. Nosso senhor a muy real pessoa de V. A. guarde como deseja. De lixboa a cinqo de Mayo de MDLxj.

Beijo as mãos a Vossa Alteza,
A JJfante dona maria

Doc. 16 – Carta de D. António, Prior do Crato, à rainha Catarina de Médicis, 25.I.1570, Caxil de Piones (BIF, Godefroy 257, fl. 39)

[66]

Senhora,

O capitão antonio me deu a carta de Vosa Magestade em comprimento da qual fiz o que ele dirá a Vosa Magestade com o maes que he nesecario pera este negocio vir como cumpre ao servicio de Vosa Magestade e ao meu desejo. Vosa Magestade lhe de credito de tudo o que ele diser e reçeba o penhor da minha parte que lhe ele dira. Nosso senhor acuda a estado de Vosa Magestade cristiniasima guarde e acrescente como deseja e he bem que seja. Escrita a cashil de piones a 25 de janeiro de 1570.

De Vosa Majestade cristianissima humilisimo vassalo,
Dom Antonio

Doc. 17 – Carta do cardeal-rei D. Henrique à rainha Luísa de Lorena, 30.V.1579, Lisboa (BIF, Godefroy 259, fls. 168-169)

Fl. 168/Muito alta e muy eccelente senhora e christianissima Princessa muito alta e muito prezada boa irmã e prima. O senhor de Beaves Nangi, cavaleiro da Ordem do Christianissimo Rey meu muito amado e muito prezado bom irmão e primo, gentil homem de sua camara, e mestre do campo da sua guarda, me deu a vossa carta e me visitou da vossa parte. E tudo foi para mim de tam grande estima como também foi grande o contentamento que recebi com as boas novas de vossa saúde, que prazera a Nosso Senhor, será sempre tam perfeita como desejais, e eu nelle esprevo que vda[67] seja. E offerecendo-se ocasiões em que vos mostre a minha boa e prompta vontade para vosso serviço, serão para mim de muy particular contentamento porque nenhũa cousa mais desejo, que dar-vo-lo em tudo. E nam me alargo mais nesta carta porque me remeto ao Senhor de Beaves: de que fico tam satisfeito como he rezam por suas qualidades e conta em que por ellas o tem o Christianissimo Rey meu bom irmão e primo. Muito Alta e muito eccelente muito poderosa e Christianissima Princessa minha muito amada e muito prezada boa irmã e prima. Nosso senhor vos aja sempre em sua sancta guarda. Escrita em Lisboa a 30 de Maio de MDLXXIX.

Vosso bom irmão e primo,
El Rey

Fl. 169/ A muito Alta, muito Eccelente, muito Poderosa e Christianissima Princesa Dona Luisa Rainha de França, e de Polonia, etc. Minha muito amada, e prezada boa irmã e prima.

Doc. 18 – Carta do cardeal-rei D. Henrique à rainha Catarina de Médicis, 19.VIII.1579, Lisboa (BIF, Godefroy 259, fl. 172)

O bispo de Cominges me deu duas cartas suas. E a hũa dellas que era de visitação, respondy logo por sua via, deixando a resposta da outra carta de sua mão, que delle receby na segunda audiençia que lhe dey pera quando elle embora se fosse. E no negocio em que particularmente me falou, me remeto ao que elle entendeo e vio, de como nisto procedy conforme á grande amizade e parentesco que temos. E do bispo e de suas muitas callidades creo que assy como fez o offiçio a que veo, fará também o que o obriga esta minha resposta. A lembrança das relliquias, estimo grandemente como he rezão, e lhe beijo por ellas as mãos, e fico [em] muito alvoroço pera as ver e reçeber. E faça-me mercê de me levar em conta não ser esta de minha mão, pella indissposição que agora te-

[66] Anotações de Theódore de Godefroy: "25 Janvier 1570 Lettre de Dom Antonio de Portugal a la Reine que l'affaire dont elle luy a escrit ira bien".

67 Ainda.

nho, de que me acho já muito bem louvado nosso senhor. E elle goarde a sua muito real pessoa como deseja. De Lisboa a 19 de Agosto de 1579.

Bom irmão e primo de Vossa Majestade,
El Rey

Doc. 19 – Carta de D. João, 6º duque de Bragança a Henrique III, 6.III.1580, Almeirim (BIF, Godefroy 496, fls. 181-182)

[68]Au Roy,

Incontiment que le Roy monseigneur que dieu aye, fut mort, la senora dona Catarina averti Votre Magesté trés crestiene de la perte que reçevoit ce Royaume avec sa mort et en quel estat y estoitent les choses et pour estre lors fort ocupé avec les afaires de ce temps la qui ne se pouvoient dilater a autre. Je me peux condouloir avec Votre Magesté trés cherestienne du grand regret que j'avois sans luy donner part des necessitez de ce Royaume.

L'on traitoit pardevant Son Altese[69] de la succession de ceste couronne sur laquelle a este requis le Roy de Castille et le surplus des pretendants. Iceluy na jamais du vivant de Son Altese requis justice, pardevant luy come juge de la cause. Au contraire durant icelle feist aprez d'armees et grands apreilz de guerre que en tousjours dit es estre pour occuper ce Royaume par force. Son Altese declara en son testament qu il'aissoit pour son successeur et heritier celuy qui seroit declare tel par la justice. Laissant pour gouverneurs et deffenseur de ce Royaume cinq notables personnages et estante juges choisis et escleuz pour les trois estats et confirmez par le fe Roy pour deliberer de la sucession. Et quarante jours apres la mort de Son Altese, le Roy de Castille na faict aucune demonstration par laquelle on puisse entendre qui consent nos governeurs, ne qu'il veille requerir justice pardevant les juges. Au contraire on fait chaque jour plus de gens de guerre en ses terres et plus grandes armees en ses ports et se dit publiquement en Castille que tout est pour ce Royaume./fl. 181v. La senora dona Catarina a toujours procedé en sa demande modestement et sans trouble comme elle fait encore et le deliberont tonjours faire en tout. Mais ayant deliberé de reconoistre pour Roy qui conez[70] des pretenseurs sera para la justice declaré Roy droitement et vray heritiere. Aussi de deliberons sous resister de toutes nos forces a celuy qui nous voudra occuper par violence et defendre la justice de la senhora dona Catarina que est trés claire. Et ansi esperons en dieu qui sera tost declaré par les Juges establis de ce Royaume la sanitese du Roy nostre sire que dieu aye. Aussi la perte du Roy don Sebastian, mon seigneur en Afrique, nous somes desprovens d'armes et munitions et des autres choses necessaires come seroit besong pour nous defendre et pour ofensser celuy que nous voudra sans raison troubler avec tout l'amour de la patrie et de sa liberté, dicesse confiant en la justice. Nous ne refuserons aucuns travaux pour grands. Je puisse desirer pour acroiste le renome de ses heroyques vertus, outre l'honeur quelle gaignera s'employant en la defense de la liberté de ce Royaume et avec justice en cas quelcun sans icelle se voulant amparer par force. Car outre ce qu'il apartient aux Roy trés chrestiens de ne consentir les violences. Vous devez a ceste couronne tant pour la paranté que pour l'ancciene amitié, toute ayde e faveur et specialment ayde pendant qu'elle est/fl.182 sans Roy et qu'ils la pretendant ensemble la senora dona Catarina pour estre fille legitime de l'infant don Duarte, monsieur frére du Roy monsieur que dieu absolve. Son droit est evident assez selon l'advis des juges et estants naturels du pays demandens a Votre Magesté qu'elle nous face ce bien de nous premier d'armes et municions et vivres le plus brievement que faire se pourra [71]. Aussi que le Roy de Castille entende et sache que Votre Magesté ne consentira qu'il soit fait violence en noutre Royaume et aux pretensseurs d'iceluy et au Pape qu'il mantiene paix en la Xptien-

[68] Anotações de Theódore de Godefroy: "VI mars 1580 Lettres du Duc de Bragance au Roy de France et a [la] Reine Mere, et des governaeurs du Pais escrites aprés la mort du Roy de Portugal sur l'usurpation du Roy d'Espagne. Du roy au secors du duc de Bragance".

[69] Riscado "Mag".

[70] Abreviatura desconhecida.

[71] Rsicado "afin".

te afin qu'il face ce que un pastore d'icelle doit faire. Sachant que nous pourra esperer de dicu pour si excelente fait et de la reconoissance que les roys de ce pays auront a toujours de ceste faveur et servirons toujours ces bien faits come il est raisonnable. Nostre seigneur garde Votre Magesté toujours en son royale état [et] le prospe. D'Almeyrim le 10 mars.

Doc. 20 – Carta de D. João, 6º duque de Bragança à rainha Catarina de Médicis, 10.III.1580, Almeirim (BIF, Godefroy 496, fls. 182-183)

A la Royne,

Je me suis trouvay si empeché quand le Roy mon seigneur, que Dieu aye mourut, avec les choses qu'il faloit alors ordonner qu'il ne me fut possible advertir Votre Magesté trés de son decez ne de l'estat auquel demouroit le Royaume et combien que la senora Dona Catarina en fait incontinent par ses trés sentiment. J'ay voule a ceste heure faire entendre a Vostre Magesté trés come Son Altese est decedé sans determiner de la succession. Seullement a declare en son testament pour successeur celuy qui par justice y auroit droit./Fl. 182v. Et pour en deliberer Son Altese vivant fait que les trois estats esleussent certains juges et les jurassent pour en deliberé. Et le confirma en la mesme maniére faisant elire et jureé cinq personnes principals pour gouverner et defendre ce Royaume pendant qu'on donneroit sentence a cause de la succession, come ils le governe presentez avec grand repos du publique. Porque oy le Roy de Castille estant un des pretendants en icelle succession, il na jamais requis justice pendant que vivoit le feu Roy monsigneur. Pardevant luy como juge d'icelle cause et aussi depuis nen a fait d'aucune demonstracion par laquelle on puisse entendre qu'il consente les governeurs ne qu'il vuelle passer par la sentence des juges. Au contraire s'est provené de grand armee et apareil de guerre incontinent que le Roy mon signeur fut perit en Afrique et continuait toujours telle apareil. En fait encores de nouveau plus grand provision en son Royaume auquel on dit publiquement que s'est pour se faire Roy de ce pays aux armes. La senora dona Catalina et moy, procedons toujours en cest afaire avec grand paix et quietude requerant sa justice, avec toute modestie selon les loix de ce Royaume, come encores nous faissons et ferons toujours deliberant obeyr entierement a celuy qui sera avec le droit de justice declaré Roy. Et registerons [sic][72] de toutes nos fources par celuy qui voudra par icelles usurper ceste couronne sans atendre la sentence des juges que les estats elliront, lesquels esperons donner bien tost sentence en faveur de la senora dona Catarina, d'autant que son droit est bien evident,/fl. 183 estant fille legitime de don duarte, monsigneur frére du Roy mon signeur, que dieu aye. Et outre les droit nous avons grand obligation et naturelle de defender la liberté de nostre patrie qui nous fait estimer assez facille telle defence et nous donne courage de soutenir tous les perils et travaux. Les grands vertus de Votre trés Magesté ont toujours monstré quelle desiroit favoriser ceste couronne et ses ofres nous ont certifie que vous voudrez donner ordre a ce que ce Royaume sont provien d'armes, munitions et vivres en bref de quoy il a grande faute pour la perte recevé en Afrique. Afin que avec tel ayde nous puissons mieux deffendre c'este couronne et offencer celuy qui contre toute justice la vent occupier. Et sera chose de grand efect que Votre Magesté face entendre au Roy de Castille en sorte qu'il conoisse que vous ne consentirez aucunement qu'il force ce Royaume ni aucuns des pretendants [73], que ne voudra atendre avec paix et quietude [74] la determination de son droit par justice. Et au Pape que come bon pasteur de l'eglise, il nous tienne en paix. Et d'autant que les necessitez presentes sont grand Votre Magesté aura plus grande gloire de nous ayder nous obligeant avec plus de biens faits que [75] tous ceux de ce pays attendons de vous et les Roys que viendront en auront toujours memoire come il est raisonnable. Et en quelque estat que la senora dona Catalina et moy [76] demeurions nous le [77] estimerons bien fait particulier come s'il estoit seulement fait a nous quis sera pour vous servire a jamais ansi que oficions a la trés haute

[72] Resisterons.
[73] Riscado "si ce nest".
[74] Riscado "ateridant".
[75] Riscado "nous".
[76] Riscado "en".
[77] Riscado "tiendrons".

et trés puissante personne de Votre Magesté trés – laquelle Diu garde en son Royal estat et prospere – d'Almeyrim le x mars.

Baisé les Royales mains de Votre Majesté,
Le Duc

Doc. 21 – Carta dos Governadores do Reino à rainha Catarina de Médicis, 12.III.1580, [Almeirim] (BIF, Godefroy 496, fls. 183v.-184)

Fl. 183v./Trés haute trés puissante et trés crestienne dame

Les governeurs et defendeurs de ce Royaume et seigneurie de Portugal advertissent Votre Magesté qu'ayant grand et particuliere obligacion de vous comuniquer et faire entendre la morte du feu Roy notre seigneur qu'il a pleu a dieu prendre a soy le dernier dimanche de Janvier. De laquelle nous et tous le pays portons tel regret et douleur que la perte le requiert et en temps que de sa vie dependait tout le repôs d'iceluy. Il nous asemble bon le vous faire entendre incontinent et vous envoyer visiter pour la charge qu'avons icy ce quis faisons par francisco barreto de lima, du quel nous confions entierement pour ses bonnes parties et calitez. Iceluy comuniquera aussi a Votre Magesté le surplus de ce que luy avons enchargé et estimons les biens faits que [78] Sa Magesté trés nous fait et a ce pays presentement, come la raison le requiert avec grande reconoissance. Avons aussi grand asseurance que ne vous souvenant de l'ancienne et continuelle aliance et parenté qui a toujours este entre ses Royaumes que non seullement elle se conserverá mais croissant quand l'occasion se ofira. Et ayant [79] necessité pour la conservation et defense de la justice de l'ayde et faveur de Votre votre [sic] Magesté qu'elle la donnera selon l'importance d'un tel afaire, le quel est trés commune concernant le bien et repos de toute la Chrestienté, come par votre grand prudence vous pourrez considerez, il doit estre bien secouru. En quoy nous esperons/fl. 184 de Votre Magesté toute faveur et bien et ayant chose en laquele vous voulez servir de nous. Ce nous será beaucoup d'honneur de tout. Le reste nous remetons a francisco barreto et aussi a l'ambassadeur francisco giraldes par le quel nous avons escrit le mesme et vous requierons de l'avoir pour Ambassadeur de ce Royaume et seigneuries luy donnait entiére croyance. Trés haute trés puissante et trés chrestienne dame notre seigneur vous garde et conserve la vie et l'estat longues annés. Le xij Mars 1580".

Doc. 22 – Carta de D. Francisco de Portugal, 3º conde de Vimioso, a Henrique III, 6.V.1580, Almeirim (BIF, Godefroy 260, fl. 37)

Senhor,

He tão antigua cousa nestes Reinos valler-se dessa Coroa em seus trabalhos e servi-la em todas ocasiões que, nesta em que Vossa Magestade tem tanta parte, não podemos deixar de esperar com muita confiança todo favor. E inda que El Rey de Castella he hũ principe tão poderoso e tem junto grande exerçito de muytos dias, e nos parecem que conforme a ysto nos temos deserdado, todavia entenda V. M. que estamos todos com os ânimos muito prontos e aparilhados a resistir a muyto mayores forças e a morrermos antes diffendendo-nos honrosamente que comsentir que se extingua o nome portugues. E porque a longa paz em que estes Reinos tantos anos se conservarão tem consumido as armas e munições que nellas avia de que nesses há tanta copia reçeberiamos grande merçe em Vossa Magestade que deles nos fossem trazidas algũas a Cidade de Lisboa. E juntamente em que o sirvamos pois tantas obrigações temos pera o fazer. E pois Vossa Magestade mostra tanta vontade a ayudar as cousas destes Reinos, culpa será pedir-se-lhe com mays palavras. Em mjm teraa Vossa Magestade sempre hũ particular servidor como esta minha casa de Portugal o foy dos Reis seus anteçessores. E nosso senhor a muito Real e Christianissima Pa[80] de V. M. guarde e seus estados acrescente como pode. Em Almeirj a vi de mayo de 1580.

Beijo as muito reais mãos a Vossa Magestade,
Ho Conde Dom Françisco de Portugal

[78] Riscado "Votre".
[79] Riscado "iceaux".
[80] Abreviatura desconhecida.

Doc. 23 – Carta de Henrique IV ao presidente Jeanin, 3.III.1608, Paris (BIF, Godefroy 493, fl. 212)

[81]

Monsiuer Jeanin,

Le feu Roy de Portugal Dom Antoine, peu de temps avant sa mort, me requise par lettre expresse de vouloir prendre em ma protection ses deux enfants Dom Emanuel, & Dom Chrestophile, & les assister en le curs direct & pretensions contre toutes usurpations. Depuis ils ont demeuré en ma court, & maintnenant que l'on est sur les termes de conclure quelque traicté en Holande, le dict Dom Emanuel ayant resolu de s'y acheminer pour essayer de moyennes quelque chose touchant leurs pretensions, je vous escris cette lettre, a fin que si da dit venture on en parle, & que nous en ayer congnoissance, nous tenier la main guils y soyent favorablement traicter, à ma recommandation, laquelle j'auray à plaisir que nous employer en cette occasion. Je prie dieu Monsieur Jeanin, qu'il nous ait en sa saincte garde. Escript à Paris, le troisieme mars 1608. Signé Henry, et au dessou Brulart.

FONTES DE ARQUIVO

Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT)
Corpo Cronológico (CC) I-106-137

Bibliothéque Nationale de France (BnF)
Français 3159, 3182, 3192 e 15871 e 17870
Portugais 66
Cinq Cents de Colbert 27

Bibliothéque de L'Institut de France (BIF)
Godefroy 96, 257, 259, 260, 285, 493 e 496

Archivio Apostolico Vaticano (ASV)
Secretaria di Stato Portogallo, nº 1.

BIBLIOGRAFIA

ALLISON, Rayne, *A Monarchy of Letters. Royal correspondence and English diplomacy in the Reign of Queen Elizabeth I*, Nova Iorque, Palgrave Macmillan, 2012.

AMORIM, Pedro, "«Cassar el Rey Negoceo He Publico»: as diligências matrimoniais dos últimos monarcas de Avis", *Casamentos da Família Real Portuguesa*, vol. III, 2018, pp. 164-171.

AMORIM, Pedro, *A política externa de D. Sebastião. Portugal na Cristandade às vésperas de Alcácer-Quibir*, dissertação de mestrado policopiada, Lisboa, Universidade de Lisboa, 2019.

Archivo dos Açores. 12 vols., Ponta Delgada: Tip. Do Archivo dos Açores, 1878-1892.

Arquivos de Família, séculos XIII-XX: que presente, que futuro?, edição Maria de Lurdes Rosa, Lisboa, IEM/CHAM, 2012.

BOURDON, León, *L' ambassade de João Gomes da Silva en France et la rupture des pourpaliers de mariage entre Dom Sebastião et Marguerite de Valois*, Lisboa, separata do Institut Français de Portugal, 1957.

BOUZA, Fernando, *Corre Manuscrito: Una historia cultural del Siglo de Oro*, Madrid, Marcial Pons, 2001.

BRAGA, Paulo Drumond, *D. Maria (1521-1577). Uma infanta no Portugal de Quinhentos*, Lisboa, Edições Colibri, 2012.

BRUNET, Serge, "L'évêque ligueur Urbain de Saint-Gelais (1570-1613). Du Comminges à Toulouse, ou la voie espagnole" in *L'Édit de Nantes : paix des armes, paix des âmes*, edição de Paul Mironneau e Isabelle Pébay-Clottes, Paris, Imprimerie Nationale, 2000, pp. 151-176.

BUESCU, Ana Isabel, *Catarina de Áustria (1507-1578). Infanta de Tordesilhas. Rainha de Portugal*, Póvoa de Santo Adrião, A Esfera dos Livros. 2007.

CABIÉ, Edmond, *Ambassade en Espagne de Jean Ébrard: seigneur de Saint-Sulpice de 1562 a 1565 et mission de ce Diplomate Dans Le Même Pays En 1566*, Albi, Imprimerie Nouguiès, 1903.

CARDIM, Pedro, "Portuguese Rebels" at Münster. The diplomatic self-fashioning in the mid-17th century European Politics" in *Der Westfälische Friede. Diplomatie, politische Zäsur, Kulturelles Umfeld, Rezeptionsgeschichte*, direcção de Heinz Duchhardt, Munique, R. Oldenbourg, 1998, pp. 293-333.

[81] Anotações: "Portugal 1608; Lettre du Roy au President Jeanin à Paris l'an 1608 le 3 Mars (publier)".

CHICHKINE, Vladimir, "Mirage d'une alliance. Les relations franco-portugaises dans les collections manuscrites de Saint-Pétersbourg (1557-1572)", *Histoire, Economie et Société*, 1, 2021, pp. 44-51.

CLOULAS, Ivan, *Catherine de Medicis*, Paris, Fayard, 1979.

CORAL, Carlos Jokubauskas, *O último Avis: D. Antônio, o antonismo e a crise dinástica portuguesa (1540-1640)*, dissertação de mestrado apresentada à Universidade de São Paulo, 2010.

COUTINHO, C., *O Grão Prior de França e a sua armada no Tejo em 1560. Subsídio para um pretenso noivado da Infanta D. Maria*, Lisboa, Separata de Arquivo Histórico de Portugal, 1936.

CRUZ, Maria Augusta Lima. *D. Sebastião*. Mem Martins: Círculo de Leitores, 2006.

CRUZ, Maria do Rosário Sampaio Themudo Barata de Azevedo, *As regências na menoridade de D. Sebastião. Elementos para uma história estrutural*, 2 vols, Lisboa, INCM, 1992.

DANVILA, Alfonso, *Felipe II y El Rey Don Sebastián de Portugal*, Madrid, Espasa-Calpe, 1954.

DIAS, João José Alves, *Álbum de Paleografia*, Lisboa, Estampa, 1987.

FALGAIROLLE, Edmond, "Le chevalier de Seure. Ambassadeur de France en Portugal au XVIe siècle" in *Memoires de l´Academie de Nimes*, XVIII, 1895, pp. 49-85.

FALGAIROLLE, Edmond, *Jean Nicot. Ambassadeur de France en Portugal au XVIe siécle. Sa correspondence diplomatique inédite avec un fac-simile en phototypie*, Paris, Augustin Challamel, 1897.

FERREIRA, Ana Maria Pereira, *Problemas marítimos entre Portugal e a França na primeira metade do século XVI*, Redondo, Patrimonia, 1995.

JORDAN GSCHWEND, Annemarie, *Catarina de Áustria: a rainha colecionadora*, Lisboa, Temas e Debates, 2017.

LOUREIRO, Francisco de Sales, "O problema do casamento do cardeal-rei", *Clio*, 3, 1981, pp. 67-81.

KNECHT, Robert, *The French Civil Wars 1562-1598*, Nova Iorque, Routledge, 2013.

MARQUES, Guida. "La dimension atlantique de l´opposition antonienee et l´enjeu brésilien (1580-1640)". *Anais de História de Além-Mar*, IV, 2003, pp. 213-246.

MATOS, Luís de, *Les Portugais en France aux XVIe siécle. Études et documents*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1952a.

MATOS, Luís de, "Un diplomate humaniste: Jean Nicot, ambassadeur de France au Portugal", *Littératures*, 1, 1952b, pp. 21-42.

MONTCHER, Fabien, *Mercenaries of Knowledge: Vicente Nogueira, the Republic of Letters, and the Making of Late Renaissance Politics,* Cambridge, Cambridge University Press, 2023.

PINTO, Carla Alferes, *A Infanta Dona Maria de Portugal. O mecenato de uma princesa renascentista,* Lisboa, Fundação Oriente, 1998.

PISSURNO, Fernanda Paixão, «O casamento do cardeal: notas sobre a trajetória e um possível matrimônio de D. Henrique, Rei de Portugal". *Revista Eletrônica Cadernos de História,* 9, 2014.

POLÓNIA, Amélia, *D. Henrique: o cardeal-rei,* Mem Martins, Círculo de Leitores, 2005.

PRADA, Valentín Vásquez, *Felipe II y Francia. Política, Religíon y Razón de Estado*, Pamplona, EUNSA, 2004.

PRESTAGE, Edgar, *Novas informações sobre a embaixada de João Gomes da Silva a França*, Porto, Typ. da Empreza Literaria e Typographica, 1917.

RIBERA, Jean-Michel, *Diplomatie et espionage. Les ambassadeurs du roi de France auprès de Philipe II. Du traite du Cateau-Cambrésis (1559) à la mort de Henri III (1589)*, Paris, Classiques Garnier, 2018.

SANTARÉM, Visconde de, *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo, desde o principio da monarchia portugueza ate aos nossos dias*, Vol. III, Paris, Oficina Typografica de Fain e Thunot, 1842.

SÃO MAMEDE, Conde de, *Don Sébastien et Philippe II. Exposé des négociations entamés en vue du mariage du Roi de Portugal avec Marguerite de Valois*, Paris: A. Durand & Pedone-Lauriel Editeurs, 1884.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *A Infanta Dona Maria (1521-1557) e a sua fortuna no Sul da França*, Lisboa, Álvaro Pinto, 1955.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *Documentos inéditos para a história do reinado de D. Sebastião*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1958a.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *Os Juristas em França e a crise dinástica portuguesa*, Lisboa, Francisco Franco, 1958b.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *Michel de Seure, embaixador francês em Portugal (1557-1559),* Paris, separata Arquivos do Centro Cultural Português, 1969.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *O Reinado de D. António, Prior do Crato (1580-1582)*, Santarém, Centro de Investigação Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, 2021.

THOMSON, Erik, "Commerce, Law, and Erudite Culture: The Mechanics of Théodore Godefroy's Service to Cardinal Richelieu", *Journal of the History of Ideas*, 68-3, 2007, pp. 407-427.

VAZ, João Pedro, *Campanhas do Prior do Crato (1580-1589): Entre Reis e Corsários pelo Trono de Portugal*, Lisboa, Tribuna, 2005.

VEIGA, Carlos Margaça, *Poderes e poderes na crise sucessória portuguesa (1578-1581)*, dissertação de doutoramento policopiada, 2 vols., Universidade de Lisboa, 1999.

VELLOSO, José Maria de Queirós. *O interregno dos governadores e o breve reinado de D. António*, Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1953.

VILA-SANTA, Nuno, "Diplomacy and Humanism: ambassador Jean Nicot and the French-Portuguese maritime rivalry (1559-1561)", *Anuario de Estudios Americanos*, 80-1, 2023a, pp. 43-77.

VILA-SANTA, Nuno, "Reporting for a King: Valois France and Europe through the eyes of ambassador Dantas (1557-1568)", *Culture & History Digital Journal*, 12-1, 2023b, pp. 1-15.

VILA-SANTA, Nuno, "Fighting for Mare Clausum and Secret Science: Spain, France and England in the strategies of ambassador Dantas (1557-1568)", *Vegueta*, 23-2, 2023c, pp. 1115-1151.

VILA-SANTA, Nuno, "A brevíssima história de Portugal de 1577: contexto e hipóteses de autoria de um manuscrito da biblioteca do Institut de France", *Revista de fontes*, v. 12, n. 22, 2025, pp. 81-124.

VILA-SANTA, Nuno, Giurgevich, Luana, *A corte de D. Sebastião vista por Giovanni Andrea Caligari (1575-1577). Novos dados para uma problemática já conhecida?,* Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, 2025.

CENTRO DE
ESTUDOS
HISTÓRICOS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA